

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Tânia Mara Martinez da Silva

**Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência  
intrafamiliar**

São Paulo

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Tânia Mara Martinez da Silva

**Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência  
intrafamiliar**

**(Versão Corrigida)**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Clínica.

Orientadora: Professora Associada Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

São Paulo

2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE  
TRABALHO POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo (a) autor (a)

Silva, Tânia Mara Martinez da

Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência intrafamiliar / Tânia Mara Martinez da Silva; orientadora Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. -- São Paulo, 2020.

66 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2020.

1. avaliação psicológica . 2. violência na família. I. Tardivo, Leila Salomão de La Plata Cury, orient. II. Título.

Nome: Silva, Tânia Mara Martinez da

Título: Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência intrafamiliar.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da  
Universidade de São Paulo para obtenção do título de  
Mestre em Ciências na área de Psicologia Clínica.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profª Drª \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

Profª Drª \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

Profª Drª \_\_\_\_\_

Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_

*Às minhas filhas, meu eterno amor, ontem,  
hoje e sempre e a Deus que concedeu meu maior desejo!*

## AGRADECIMENTOS

À Deus, Nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade.

À minha orientadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, por todos os ensinamentos, paciência e acolhimento. Sinto-me honrada em ser sua orientanda. Gratidão por me adotar.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Helena Rinaldi Rosa, por sua confiança, carinho e compreensão. Obrigada por ter acalentado meu pranto em momento tão aflitivo. Agradeço por me adotar.

À Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eliana Herzberg, pela sua confiança e por me receber com tanta gentileza. Minha gratidão.

À prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Hilda Rosa Capelão Avoglia, agradeço sua participação na banca examinadora.

À amiga Rilza Xavier Maragliano, que gentilmente estendeu-me sua mão. Sem sua parceria, os dias seriam muito mais árduos.

A todos os amigos do Apoiar que me receberam com tanta cortesia.

À minha mãe Preciosa e ao meu pai Antonio, pelo amor e pela perseverança em privilegiar minha educação, mesmo em momentos muito difíceis.

Ao meu marido Marcos que me apoia em todos os projetos, tanto profissionais quanto pessoais. Agradeço pela companhia, pelo amor, carinho e pela paciência.

Às minhas filhas Sofia, Laís e Isis por me darem a vida.

À amiga Darcy, fonte de conhecimento e inspiração na minha vida.

Aos meus mestres Amaro e Luís, por todos os ensinamentos e incentivo. Agradeço por existirem e pela luz na minha vida.

Aos meus amigos, pela parceria e acolhimento nesta caminhada.

Às crianças do estudo, pela grandeza de participarem e possibilitarem a existência do trabalho. Agradeço com muita humildade.

## RESUMO

**Silva, T.M.M. (2021). *Avaliação psicológica de crianças testemunhas da violência intrafamiliar*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.**

Diante da prevalência da exposição de crianças à violência intrafamiliar em nosso País, é fundamental a realização de estudos que visem avaliar o impacto e o funcionamento psíquico da criança testemunha da violência intrafamiliar. O objetivo deste estudo foi compreender as implicações biopsicossociais da violência testemunhal intrafamiliar. É um estudo clínico-qualitativo com base em estudo de caso múltiplo com dois participantes de 9 e 10 anos de idade, ambos os sexos, em situação de acolhimento com histórico de testemunho de violência intrafamiliar, na cidade de São Paulo. O estudo foi realizado com o uso do Teste do Desenho da Casa Árvore Pessoa (HTP). Os dados encontrados apontaram que a situação de violência que presenciaram e o fato de estarem institucionalizados afetou diretamente suas vidas, e associados aos resultados de outros estudos sobre o tema, foram encontradas muitas semelhanças indicando que o trauma da exposição sofrida na infância pode influenciar negativamente as interações interpessoais, acarretar dificuldade de comunicação, insegurança quanto à autoimagem, impotência, agressividade, dificuldade no controle dos impulsos, sentimento de incerteza, temor, inferioridade, dependência emocional, negativismo, rigidez e ansiedade no contato com o ambiente, tensão e agressividade no contato com o outro. Além disso, provoca sentimento de solidão e imaturidade. O teste HTP mostrou-se sensível para identificar os aspectos psicodinâmicos das crianças que vivenciaram a experiência do testemunho da violência intrafamiliar, apresentando resultados significativos. Esse instrumento mostrou-se atraente e estimulante aos participantes desta pesquisa, facilitando a participação e a colaboração das crianças no estudo. Ademais, os resultados apresentados em cada caso possibilitaram a otimização de intervenções em saúde pública que favoreçam o cuidado e o acompanhamento de crianças testemunhas de violência, e, assim, ter um desenvolvimento adequado em todos os aspectos da vida.

**Palavras-Chave:** Violência Intrafamiliar. Vitimização Indireta. Testemunha. Avaliação Psicológica. Teste do Desenho da casa árvore pessoa HTP

**Silva, T.M.M. (2021). *Psychological assessment of children witnessing domestic violence*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.**

### **ABSTRACT**

Due to the high prevalence of children's exposure to intrafamily violence in our country, it is essential to conduct studies aimed at evaluating the impact and psychic functioning of children who witness intrafamily violence. The aim of this study is to investigate the psychic functioning, characteristics and psychological consequences of children who suffered exposure to intrafamily violence. It is a clinical-qualitative study based on a case study with two participants aged 9 and 10 years, both sexes, in a welcoming situation with a history of witnessing intrafamily violence, in the city of São Paulo. The study was conducted using the Person Tree House Design Test (HTP). The data found pointed out that the situation of violence they witnessed and the fact that they were institutionalized directly affected their lives, and associated with the results of other studies on the subject, many similarities were found indicating that the trauma of exposure suffered in childhood can negatively influence children. interpersonal interactions, causing difficulty in communication, insecurity about self-image, impotence, aggressiveness, difficulty in controlling impulses, feeling of uncertainty, fear, inferiority, emotional dependence, negativism, rigidity and anxiety in contact with the environment, tension and aggression in contact with the other. In addition, it causes feelings of loneliness and immaturity. The HTP test was shown to be sensitive to identify the psychodynamic aspects of children who experienced the experience of witnessing intrafamily violence, showing significant results. This instrument proved to be attractive and stimulating to the participants of this research, facilitating the participation and collaboration of children in the study. Furthermore, the results presented in each case make it possible to optimize public health interventions that favor the care and monitoring of children who are witnesses of violence, and thus have an adequate development in all aspects of life.

**Keywords:** Intrafamily Violence. Indirect Victimization. Witness. Psychological Evaluation. House Tree Person design test



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAT-A	Teste de Apercepção Infantil – Figuras de Animais
CAT-H	Teste de Apercepção Infantil – Figuras Humanas
CFP	Conselho Federal de Psicologia
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EEVD	Escala de Exposição à Violência Doméstica
HTP	Human-Tree-Person
Ipea	Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada
PD-E	Procedimento de Desenhos-Estórias
OMS	Organização Mundial da Saúde
SPVV	Serviço de Proteção à Criança e Adolescente
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
WHO	World Health Organization

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	11
CAPÍTULO I- Introdução .....	13
1.1. Violência Intrafamiliar contra crianças e adolescentes.....	13
1.2. Tipos de violência.....	14
1.3. Vitimização Indireta.....	19
1.4. Acolhimento Institucional.....	22
1.5. Avaliação Psicológica.....	25
CAPÍTULO II- Justificativas e Objetivos .....	31
CAPÍTULO III- Aspectos Metodológicos.....	32
3.1 Tipo de Método.....	32
3.2 Participantes.....	33
3.3 Instrumentos.....	34
3.4 Procedimentos.....	35
3.4.1 Contatos com as instituições .....	35
3.4.2 Análise dos dados .....	37
CAPÍTULO IV- Resultados / Discussão.....	37
4.1 Resultado do Teste HTP dos participantes e discussão com outras pesquisas.....	37
4.2. Participante Orvalho .....	38
4.2.1. Análise das características desenho a desenho do HTP do participante Orvalho.....	38
4.2.2. Síntese e discussão dos desenhos do participante Orvalho.....	39
4.3 Participante Luz.....	43
4.3.1. Análise das características desenho a desenho do HTP da participante Luz.....	43
4.3.2. Síntese e discussão dos desenhos da participante Luz.....	44
4.4 Associação dos resultados dos participantes Orvalho e Luz.....	47
CAPÍTULO 5- Considerações Finais.....	51
Referências.....	52
Anexos.....	58

## APRESENTAÇÃO

A questão da violência no Brasil leva a uma sensação de problema, como se a frustração e indignação pudesse culminar, por um lado, na impotência frente a criminalidade e, por outro lado, na preocupação com o sofrimento da vítima. Na minha infância, os ditados populares como “em briga de marido e mulher, não se mete a colher” ou “roupa suja se lava em casa”, eram o discurso vigente entre os adultos.

A ameaça era a interferência no conflito conjugal, afinal a intromissão na vida doméstica do outro é que era o problema. Assim, os ditados populares tinham a função de reprimir o auxílio do vizinho, mas também de silenciar o grito de socorro, muitas vezes de pequenas crianças.

Com o passar do tempo, ponderei que os problemas entre o casal podem ser inevitáveis, mas a violência não é! Assim, concluí sobre a incumbência de descobrir a melhor maneira de compreender o “problema” e dessa forma além de acolher o sofrimento, questionar sua forma de existir.

Algum tempo depois, já na graduação de Psicologia, recebi meu primeiro paciente na clínica de adulto, uma vítima da violência intrafamiliar, e concomitantemente, meu primeiro paciente da clínica infantil, uma criança testemunha da violência entre os pais. Estava inaugurado meu trabalho e comprometimento com a clínica de atendimento a vítimas da violência intrafamiliar.

A trajetória clínica perpassa a investigação acadêmica e se funde a ela. Assim, partindo da prática clínica e seus desafios, participar da universidade é questionar e pensar sobre o papel do profissional da psicologia, e de sua contribuição no enfrentamento das demandas de angústia e sofrimento da população, em especial, compreender, acolher e dar voz às crianças e adolescentes testemunhas da violência intrafamiliar.

O presente texto se divide em seis capítulos. O primeiro capítulo “Fundamentação Teórica” introduz o tema da violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente, apresenta relevantes contribuições da literatura sobre o tema e considera o alcance da avaliação psicológica na compreensão do fenômeno do testemunho a violência intrafamiliar.

O segundo capítulo “Objetivo” compreende as justificativas e objetivos do presente estudo argumentando sua abordagem e investigação e ressaltando os graves efeitos da violência intrafamiliar contra as crianças.

O terceiro capítulo compreende os “aspectos metodológicos” da pesquisa, descrevendo o trajeto projetado para seu seguimento em detalhes apresentando o método, participantes, descrevendo o contato com as instituições, além de destacar o Teste do Desenho da Casa Árvore Pessoa (HTP) instrumento utilizado no estudo. Este capítulo também contempla a proposta de interpretação dos dados discorrendo sobre a coleta de dados, além do histórico dos participantes.

O capítulo quatro “Estudos de Caso - Resultados / Discussão” ilustra os casos selecionados além de apresentar os resultados do teste HTP dos participantes e a discussão com outras pesquisas sobre o tema.

O quinto capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa realizada compilando os resultados da análise do teste HTP, enfatizando as contribuições, observando as limitações do estudo além de estimular novas possibilidades de investigação. No sexto capítulo constam as *Referências Bibliográficas* que são abordadas para a elaboração desta pesquisa.

# 1 CAPÍTULO I. INTRODUÇÃO

Este capítulo aborda os temas teóricos que estão relacionados à pesquisa que deu origem a esta Dissertação de Mestrado, de um lado a Violência doméstica intrafamiliar contra crianças e adolescentes; a institucionalização destas; e de outro, a avaliação psicológica empregando o uso do Teste do Desenho da Casa Arvore Pessoa (HTP). São descritos estudos com estes temas.

## 1.1. Violência Intrafamiliar contra crianças e adolescentes

Em 2001, o Ministério da Saúde, por meio da Secretária de Políticas de Saúde, divulgou o Cadernos de Atenção Básica Nº 8, sobre o tema da Violência Intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. Esse documento conceitua o fenômeno da violência intrafamiliar e tem o objetivo de orientar os profissionais quanto as ações de prevenção, diagnóstico e tratamento da violência. Assim:

A violência intrafamiliar é toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder outra. (Ministério da Saúde, 2001, p.15).

O conceito de violência intrafamiliar não se refere apenas ao espaço físico onde a violência ocorre, mas também aos “laços sociais que a família estabelece” (Ministério da Saúde, 2001, p. 15). Suas manifestações podem ocorrer de diversas formas e com diferentes intensidades. Podem ocorrer concomitantes ou isoladamente e até levar ao homicídio. Os tipos de violência intrafamiliar são classificados em: física, psicológica, econômica, institucional e sexual (Ministério da Saúde, 2001).

Azevedo e Guerra (1995) discutiram conceitos e termos utilizados na literatura para explicitar o fenômeno da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. As autoras postulam que:

Todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que – sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima – implica de um lado, numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes tem de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (Azevedo & Guerra, 1995, p. 36).

As autoras elucidam que o fenômeno da violência intrafamiliar pode assumir a forma ativa por meio de atos ou passiva por meio de omissões. Também observam que em nossa sociedade, todos os indivíduos menores de dezoito anos são vítimas potenciais da violência intrafamiliar. As autoras escrevem que o fenômeno da violência intrafamiliar

contra a criança e adolescente configura uma transgressão do poder de autoridade e do dever de segurança do adulto para com as necessidades de desenvolvimento na infância e adolescência.

O fenômeno da violência intrafamiliar é cercado de mitos e tabus, sendo que sua identificação é quase sempre problemática e difícil (Tardivo, Pinto Junior, & Santos, 2005). Com frequência, a criança tem dificuldade para informar sobre os maus tratos sofridos. Assim, trabalhar com a realidade da violência intrafamiliar é um constante desafio, que requer dos profissionais envolvidos no cuidado com a criança, um olhar especial e preparo técnico especializado nesta área.

Encontra-se no estudo de Tardivo et al. (2005) que o trabalho terapêutico, o diagnóstico e a identificação dos maus-tratos e da vitimização apresentam várias dificuldades em função de ser um fenômeno que se manifesta de maneira sigilosa, velada, configurando um segredo familiar. “Desvelar a violência doméstica representa romper um complô do silêncio e deparar-se com a vítima, o agressor, e a família em um mesmo e único núcleo com uma dinâmica perigosa e destrutiva” (Tardivo et al, 2005, p. 61).

Podem ser descritos diversos tipos de violência intrafamiliar, ou doméstica contra crianças e adolescentes. Na literatura, encontram-se relevantes contribuições de estudos sobre os tipos de violência intrafamiliar direta (maus-tratos físicos, psicológicos, sexuais, econômicos ou patrimoniais) e sobre a violência indireta ou testemunhal. Para este estudo, maior ênfase é dada à violência intrafamiliar direta do tipo física (testemunhada pelos participantes) e a violência indireta ou testemunhal.

A violência intrafamiliar apresenta configurações dinâmicas de controle e domínio versus afeição e apego, nas quais estão presentes relações de subjugação versus submissão. Nessas relações – homem/mulher, pais/filhos, entre outras – as pessoas estão em posições opostas, desempenhando papéis rígidos e criando uma configuração dinâmica própria, diferente em cada grupo familiar (Brasil. Ministério da Saúde, 2001, p. 15).

## **1.2. Tipos de Violência**

A violência intrafamiliar pode se revelar de diferentes formas e gravidade. Estas formas de violência não se produzem isoladamente. Fazem parte de uma sequência progressiva de episódios que podem culminar no homicídio (Ministério da Saúde, 2001).

O Ministério da Saúde (2001) divulga que o fenômeno da violência física:

Ocorre quando uma pessoa, que está em relação de poder em relação a outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. ... o castigo repetido, não severo, também se considera violência física (Brasil. Ministério da Saúde, 2001, p. 17)

A publicação ressalta que a violência física pode ser manifestada por meio de tapas, empurrões, socos, mordidas, chutes, queimaduras, cortes, estrangulamento, lesões por armas ou objetos, obrigar a tomar medicamentos desnecessários ou inadequados, álcool, drogas ou outras substâncias, inclusive alimento. Outros atos que configuram violência são: tirar de casa à força, amarrar, arrastar, arrancar a roupa, abandonar em lugares desconhecidos, causar danos à integridade corporal decorrentes de negligência como: omissão de cuidados e proteção contra agravos evitáveis como situações de perigo, doenças, gravidez, alimentação, higiene, entre outros (Ministério da Saúde, 2001).

No que diz respeito ao fenômeno, Azevedo e Guerra (1995) escrevem que o abuso/vitimização de crianças consiste em um processo total de objetificação da criança, reduzindo-a à condição de objeto de maus-tratos. Ou seja, a criança vitimizada tem cerceada a sua liberdade de ação e expressão, submetida ao adulto que a utiliza para satisfazer seus interesses pessoais. Conforme as autoras, a criança conseguirá resgatar sua autonomia, ao recuperar a própria palavra, tornando público o abuso ao qual foi submetida.

O abuso físico é definido como “todo o emprego de força física e todos os atos de omissão, com o objetivo de ferir, danificar ou destruir a criança, independente do grau de severidade do ato” (Azevedo & Guerra, 1995). Ou seja, todo e qualquer emprego de força física contra a criança é considerado abusivo. Para as autoras, a negligência representa uma omissão em prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente.

Em relação ao abuso sexual infantil, Azevedo e Guerra (1995) realizaram uma importante contribuição ao considerar:

Todo ato ou jogo sexual, relação heterossexual ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança menor de 18 anos, tendo por finalidade estimular sexualmente a criança ou utilizá-la para obter uma estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa. (Azevedo & Guerra, 1995, p. 42).

Segundo as autoras, o conceito abrange dois subtipos de abuso: o incesto e a exploração sexual. As autoras elucidam que a relação incestuosa tem caráter sexual e ocorre entre um adulto e uma criança entre 0 e 18 anos, em uma relação de

consanguinidade, responsabilidade ou afetividade. O agressor é definido como todo aquele que possua uma relação de responsabilidade para com a criança e cujas relações sexuais deveriam ser interditas pela lei ou pela cultura.

Araújo (2002) contribui com o tema ao escrever que “o abuso sexual infantil é uma forma de violência que envolve poder, coação e sedução, frequentemente praticada sem o uso da força física ou marcas visíveis, variando de atos que envolvem contato sexual com ou sem penetração até atos sem contato sexual” (p. 41). Já a situação de exploração sexual implica na participação da criança ou adolescente, menores de 18 anos, em atividades de prostituição e pornografia infantil, ou seja, atividades de tráfico, negociação, comercialização sexual (Azevedo & Guerra, 1995).

De acordo com o Ministério da Saúde (2001) a violência psicológica “é toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa” (p. 20). As ações de violência psicológica incluem insultos constantes, humilhação, desvalorização, chantagem, isolamento de amigos e familiares, ridicularização, rechaço, manipulação afetiva, exploração, negligência (atos de omissão a cuidados e proteção contra agravos evitáveis como situações de perigo, doenças, gravidez, alimentação, higiene, entre outros), ameaças, privação arbitrária da liberdade (impedimento de trabalhar, estudar, cuidar da aparência pessoal, gerenciar o próprio dinheiro, brincar).

Na literatura, encontramos importante contribuição com Azevedo e Guerra (1995) ao definirem o fenômeno do abuso/vitimização psicológica infantil ou tortura psicológica quando este:

(...) ocorre quando o adulto constantemente “deprecia a criança, bloqueia seus esforços de autoaceitação, causando-lhe grande sofrimento mental. Ameaças de abandono também podem tornar uma criança medrosa e ansiosa, podendo representar formas de sofrimento psicológico. O abuso-vitimização psicológica pode assumir duas formas básicas: a de negligência afetiva e a de rejeição afetiva. A negligência afetiva consiste numa falta de responsabilidade, de calor humano, de interesse para com as necessidades e manifestações da criança. A rejeição afetiva caracteriza-se por manifestações de depreciação e agressividade para com a criança (Azevedo & Guerra, 1995, p. 41).

Conforme o Ministério da Saúde (2001), a violência econômica ou financeira é definida como sendo todos os “atos destrutivos ou omissões do(a) agressor(a) que afetam a saúde emocional e a sobrevivência dos membros da família” (p. 21). Compõem os atos violentos: roubos, destruição de bens pessoais (roupas, objetos, documentos, animais de



estimação e outros) ou de bens da sociedade conjugal (residência, móveis e utensílios domésticos, terras e outros), recusa de pagar a pensão alimentícia ou de participar nos gastos básicos para a sobrevivência do núcleo familiar, uso dos recursos econômicos de pessoa idosa, tutelada ou incapaz, destituindo-a de gerir seus próprios recursos e deixando-a sem provimentos e cuidados.

Estudos na área da saúde evidenciam que a vivência da vitimização intrafamiliar contra crianças e adolescentes é responsável por inúmeros agravos à saúde física, social e psicológica das vítimas. Na literatura brasileira, encontramos importantes contribuições sobre a violência intrafamiliar do tipo físico contra crianças e adolescentes. Pinto Junior, Cassepp-Borges e Santos (2015) escreveram um estudo recente sobre a caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do estado do Rio de Janeiro.

Os autores realizaram um estudo quantitativo, exploratório-descritivo documental que analisou a caracterização dos casos de violência doméstica contra crianças e adolescentes no período de 2008-2012, por meio da análise de 210 prontuários de atendimento do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Os resultados apontaram que a violência sexual, a violência física e a negligência foram as mais reportadas, representando 29,0% do total de prontuários analisados (Pinto Junior, Cassepp-Borges & Santos, 2015).

Os agressores, em sua maioria, eram do sexo masculino e na faixa etária de 31 a 40 anos, e as vítimas, majoritariamente do sexo feminino e na faixa dos 14 aos 18 anos. As condições socioeconômicas das famílias eram precárias, sendo que muitas (24,3%) viviam com renda de até um salário mínimo. Como medidas de intervenção, as vítimas foram encaminhadas para psicoterapia individual (23,3%) e o agressor, para atendimento psicossocial (28,7%) (Pinto Junior, Cassepp-Borges & Santos, 2015).

Tardivo (2016) faz uma relevante contribuição na área da compreensão da violência intrafamiliar contra a criança e adolescente com o estudo: A violência doméstica em crianças e adolescentes: expressão e compreensão das consequências com o uso de métodos projetivos. O Teste Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) foi administrado com crianças de até 10 anos e com Figuras Humanas (CAT-H) com crianças de até 12 anos divididas em dois grupos: vítimas de violência doméstica e controle. Os resultados obtidos no estudo mostraram que as crianças vitimizadas não introduzem personagens que permitem sentirem-se aceitas e compreendidas, com prejuízos na

confiança e na esperança. Além disso, os resultados indicados com o CAT H em crianças vítimas de violência doméstica permitiram considerar os impactos que podem ser notados nos participantes vítimas de violência doméstica, em comparação com as que não apresentam suspeitas de vitimização. As crianças que compuseram o grupo controle mostram sinais de possuírem uma autoimagem positiva e se identificam mais com personagens com atributos positivos, muito mais do que as vitimizadas. As crianças do grupo controle identificaram nas lâminas mais situações positivas e personagens que denotaram aceitação, compreensão, afeto e controles adequados. As narrativas das crianças do grupo controle indicaram boas expectativas associadas às personagens, objetos e situações. Quanto às defesas, qualidade do superego e integração do ego, as crianças do grupo controle revelam mais resultados positivos em comparação às crianças vítimas de violência. As crianças vítimas de violência se ressentem da experiência e revelam uma autoimagem e relações objetais negativas; não sendo capazes de ter uma visão acerca de si com aspectos de crescimento, sentindo as relações que estabelecem carregadas de negligência, abandono e hostilidade.

Os resultados do estudo também ressaltam que as crianças vitimizadas percebem o ambiente e as figuras de forma negativa, ou seja, com sérios problemas na qualidade das relações objetais, com maior insegurança e principalmente sentimentos de inadequação, além de ansiedades muito intensas e frágil integração do ego. O CAT H se mostrou muito sensível para crianças mais velhas. A autora escreve que os resultados reforçam a necessidade de que diagnósticos sejam realizados de forma precoce, tanto visando a identificação do fenômeno, bem como dos efeitos decorrentes da experiência da violência doméstica em suas variadas formas, além de possibilitar a implementação de intervenções clínicas. A autora também aponta para a relevância de mais pesquisas com Técnicas Projetivas na área da violência doméstica, pela importância de se compreender a vivência emocional dessas crianças. Também considera que com as técnicas gráficas, Desenho da Figura Humana e Desenho da Pessoa na Chuva foram realizadas amplas investigações com crianças de diferentes regiões do país (Tardivo, 2016).

Com o uso das técnicas projetivas foram evidenciados indicadores de dificuldades emocionais, sinais de impulsividade, insegurança, imaturidade ou ainda de ansiedade; além de dificuldades de estruturação de personalidade. A partir dos resultados dessas pesquisas pode-se trazer uma contribuição à área do Psicodiagnóstico, em especial de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Também se conclui que com as técnicas projetivas é possível oferecer uma escuta apurada para compreender a

psicodinâmica dos envolvidos e também para acolher o sofrimento emocional das vítimas (Tardivo, 2016).

### **1.3. Vitimização Indireta (Violência testemunhal)**

A violência testemunhada por crianças e adolescentes no âmbito familiar é uma temática vital e um campo relevante a ser mais explorado no Brasil. Devido à alta incidência de vitimização de violência intrafamiliar em nosso país, o Brasil é fonte importante de estudos no tema do testemunho a violência intrafamiliar.

Em 2018, Pinto Junior e Tardivo realizaram importante contribuição na área da violência doméstica, no tema da vitimização infantil, ao apresentar a “Escala de Exposição à Violência Doméstica – EEVD”. O instrumento avalia a exposição de crianças e adolescentes a uma modalidade específica de violência doméstica: a violência testemunhal.

Os autores fazem uma relevante ampliação do conceito do testemunho de crianças e adolescentes da violência intrafamiliar, esclarecendo que a criança ou o adolescente não necessita observar a violência para ser impactado por ela. Assim, ao ver, ouvir ou vivenciar a agressão de um dos conjugues, pais ou responsáveis, estão expostos como testemunhas da violência intrafamiliar (Pinto Junior & Tardivo, 2018).

Encontra-se no estudo de Lourenço, Salgado, Amaral, Gomes e Senra (2011) uma importante revisão da literatura em trabalhos publicados entre 2005 e 2010, buscando investigar os resultados do impacto da exposição à violência intrafamiliar em crianças. A análise dos artigos permitiu verificar que as consequências mais frequentemente notadas nas crianças que testemunham a violência entre os pais foram sintomas depressivos, insegurança, problemas relativos a ajustamento, conduta e agressividade, sintomas fisiológicos, emocionais, comportamentais e psicológicos.

Ainda segundo os autores, além de problemas desenvolvimentais, como baixo desempenho acadêmico, dificuldades de ajustamento e comprometimento das relações interpessoais e sociais também foram observadas características como: déficit de assistência às necessidades básicas infantis, depressão, *stress* pós-traumático, insegurança e diminuição da autoestima (Lourenço et al., 2011).

Os autores observaram que vários estudos ressaltaram que quanto mais expostos aos conflitos interparentais e quanto mais intensa for a violência testemunhada pela criança, mais evidenciados serão os problemas. Os resultados obtidos revelaram que as crianças e

adolescentes que assistem/testemunham o conflito/violência interpapental ainda são vítimas relativamente esquecidas, ou seja, carecem de proteção oficial e dos possíveis benefícios de uma intervenção psicológica mais sistemática (Lourenço et al., 2011).

Faermann e Silva (2014) realizaram uma pesquisa documental realizada em uma instituição que atende crianças e adolescentes em situação de risco e de vulnerabilidade social, visando conhecer o perfil socioeconômico das crianças e dos adolescentes que presenciaram violência doméstica contra suas mães, bem como os impactos causados em suas vidas em decorrência de tal exposição. Para a coleta dos dados, utilizaram 825 prontuários da instituição relativos aos atendimentos realizados pelo setor de Serviço Social, nos quais foram constatados 229 casos de crianças e adolescentes vítimas indiretas da violência doméstica.

Os dados revelaram uma realidade alarmante quanto ao perfil socioeconômico das famílias das crianças e dos adolescentes que presenciam violência doméstica, em que há um expressivo número de famílias em situação de pobreza: 34% do universo pesquisado possuem rendimentos abaixo de um salário mínimo, famílias formadas por quatro a cinco membros, 31% dos casais têm três filhos e 42% dos pais e/ou responsáveis são casados, enquanto 32% mantem união estável (Faermann & Silva, 2014).

Os autores escrevem que o envolvimento direto ou indireto dessas crianças em atos de violência interfere negativamente em seu processo de desenvolvimento social e na construção de suas identidades, provocando alterações em seus comportamentos, como: medo, enurese noturna, agressividade, apatia, distúrbios do sono, baixo rendimento escolar, ansiedade, timidez e tristeza (Faermann & Silva, 2014).

No período da adolescência, a exposição a essa situação pode levá-los ao envolvimento com comportamentos aditivos ou compulsivos como o abuso de substâncias entorpecentes que pode estar associado a vulnerabilidades e predisposições relacionadas a vivências do passado. Os autores elucidam que o uso de entorpecentes para o enfrentamento das situações cotidianas difíceis, muitas vezes insuportáveis, pode servir de fuga para uma realidade violenta, levando à dependência química (Faermann & Silva, 2014).

Em relação às consequências escolares de testemunhar a violência, o estudo de Durand, Schraiber, França-Junior e Barros (2011) analisou a associação entre a exposição à violência por parceiro íntimo contra a mulher, com desajustes comportamentais e

problemas escolares entre os filhos. Foi utilizando como método, o inquérito populacional participante da OMS *World Health Organization- WHO: Multicountry Study on Violence Against Women*, com 790 mulheres, residentes em dois municípios brasileiros, que coabitavam com filhos de cinco a 12 anos.

Os autores colocam que a exposição à violência física e/ou sexual grave por parceiro íntimo, esteve associada à ocorrência de problemas escolares, de problemas de comportamento em geral e de comportamentos agressivos. Ressaltaram que a exposição se manteve associada à ocorrência de três ou mais problemas de comportamento entre seus filhos, independentemente do transtorno mental comum, da baixa escolaridade, de a mãe (avó) ter sido vítima de violência por parceiro íntimo, física e independentemente do apoio social e comunitário (Durand et al., 2011).

Pesquisadores evidenciam a gravidade das implicações na infância sobre o testemunho a violência intrafamiliar. Almeida, Miranda e Lourenço (2013) realizaram uma importante revisão da literatura visando conhecer as pesquisas realizadas no Brasil sobre o tema da violência doméstica/intrafamiliar. Os autores observam uma “tendência das publicações em abordar a violência direta em detrimento da indireta, havendo uma lacuna em relação ao conhecimento acerca de quais seriam as características e as consequências para as vítimas” (p. 309).

Os autores Faermann e Silva (2014) apontam que comportamentos aditivos ou compulsivos gerados no processo de enfrentamento de realidades violentas provocam consequências negativas na vida dos sujeitos. Esses comportamentos são acentuados quando manifestos no período da adolescência. Assim, o convívio de crianças e adolescentes em ambientes familiares violentos ultrapassa as barreiras do testemunho e repercute em suas histórias, identidades e memórias. Portanto, a violência doméstica ocorre em processo contínuo, afetando a todos os membros da família.

Os autores Fantuzzo e Mohr (1999) fazem importante contribuição no tema das consequências do testemunho da violência intrafamiliar por crianças e adolescentes. Ressaltam a gravidade das implicações na infância sobre o testemunho da violência intrafamiliar. Foi observado que a crescente conscientização dos prejuízos causados pela exposição das crianças aos diversos tipos de violência promove um desafio para os serviços sociais e de saúde: estabelecer ações eficazes quanto aos riscos e sua prevenção.

Evans, Davies e DiLillo (2008), Kitzmann, Gaylord, Holt e Kenny (2003) e Levendosky e Graham-Bermann. (2001) escreveram que os termos “exposição” e

“testemunha” denominam a conscientização das crianças quanto à agressão e violência dos adultos, não só por ver ou ouvir os atos violentos, mas também ouvindo relatos sobre a violência e vendo as evidências do abuso, como hematomas ou lesões no corpo da mãe, quando estão diretamente envolvidos (tentativa de intervir), ou experimentam as consequências da agressão física ou sexual que ocorre entre seus cuidadores.

A contínua exposição de crianças à violência em seus lares pode afetar gravemente o bem-estar e o desenvolvimento pessoal de uma criança e sua interação social na infância e na fase adulta (Pinheiro, 2006; Sternberg et al, 2006; Kitzmann et al, 2003; Levendosk & Graham-Bermann, 2001; Fantuzzo & Mohr, 1999). O estresse provocado pela exposição à violência acarreta diferentes consequências na saúde mental, como sintomas depressivos, ansiedade, preocupação excessiva e efeitos acadêmicos como repetência, abandono escolar, suicídio (Foster & Brooks-Gunn, 2009, Evans et al, 2008; Froner & Ramires, 2008).

Devido às alterações comportamentais, podem ocorrer também dificuldades sociais como rejeição pelos colegas, propensão a agressão física (Ehrensaft, Knous-Westfall & Cohen, 2011; Evans et al., 2008). A exposição à violência intrafamiliar pode ter efeitos traumáticos, como a repetição da experiência do trauma em pesadelos, flashback, hipervigilância, sobressaltos, distanciamento emocional, muitas vezes atingindo intensidade suficiente para o diagnóstico de Transtorno de Estresse Pós-traumático (Evans et al., 2008).

#### **1.4 Acolhimento institucional de crianças e adolescentes**

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) regulamentou artigos da Constituição referentes a garantia de proteção à infância e adolescência e passou a ter força de lei, reconhecendo as crianças e os adolescentes como sujeitos de direito, garantindo que suas necessidades sejam atendidas de forma prioritária por parte da família, da sociedade e do Estado.

No artigo 13, o ECA estabelece que “os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos devem ser obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais”. (Brasil, 1990, p.. 02).

A lei 8069 de 13 de julho de 1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, é uma lei em contínua evolução, que vem sendo constantemente atualizada para cumprir a premissa de "proteção integral" a todas as crianças e adolescentes

brasileiras contida já em seu “Art. 1º. Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente” (Brasil, 1990).

O Atlas da Violência é um documento que traça o perfil das mortes ligadas a crime no Brasil, realizado pelo Ipea (Instituto Brasileiro de Pesquisa Econômica Aplicada) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O “Atlas da Violência 2018: políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros” destaca que em 2016 foram registrados 22.918 estupros no sistema de saúde e 49.497 registros policiais onde 50,9% eram crianças até 13 anos, 17% adolescentes de 14 a 17 anos. Em 30% dos casos, o agressor do estupro contra crianças são familiares próximos como pais, irmãos e padrastos (IPEA, 2018). Já o Atlas da Violência 2020 além de documentar e discutir os dados relativos aos crimes traz uma relevante contribuição a partir da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Ademais, o relatório também indica que a violência entre os jovens corresponde a 53,3% do total das vítimas (30.873 jovens), sendo que 55,6% das mortes são de jovens entre 15 e 19 anos de idade. O documento destaca que a criação do ECA reduziu o crescimento médio anual da violência contra a criança e adolescente. Os dados consideram o período de 1980 a 1991 (antes do advento do ECA) e de 1991 a 2018 (depois do ECA). Após 1991, houve aumento anual de 1,2% (0 a 9 anos), 1,6% (10 a 14 anos), 2,6% (15 a 19 anos). Os números anteriores correspondiam a 2,8% (0 a 9 anos), 8,1% (10 a 14 anos), 8,3% (15 a 19 anos). O relatório explica que as conquistas envolvem avanços nas áreas de saúde, educação e trabalho infantil através de políticas públicas que preconizam os direitos de crianças e adolescentes (IPEA, 2020).

Para este estudo, é relevante indicar algumas das premissas do ECA que asseguram a proteção da criança e adolescente constantes no Título I – das Disposições Preliminares e no Capítulo II - Das Medidas Específicas de Proteção:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.).

Art. 6º Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.)

O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura a convivência familiar e comunitária e a medida de acolhimento institucional é utilizada para proteção desse direito:

§ 1º O acolhimento institucional e o acolhimento familiar são medidas provisórias e excepcionais, utilizáveis como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.).

§ 2º Sem prejuízo da tomada de medidas emergenciais para proteção de vítimas de violência ou abuso sexual e das providências a que alude o art. 130 desta Lei, o afastamento da criança ou adolescente do convívio familiar é de competência exclusiva da autoridade judiciária e importará na deflagração, a pedido do Ministério Público ou de quem tenha legítimo interesse, de procedimento judicial contencioso, no qual se garanta aos pais ou ao responsável legal o exercício do contraditório e da ampla defesa (Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.)

A literatura brasileira difunde relevantes contribuições sobre o tema do acolhimento institucional de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. É vital o papel da universidade pública brasileira na construção da ciência, na sua importância para o País ao formar profissionais e contribuir para transformar a sociedade.

O APOIAR é um amplo projeto inserido no Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social (PSC) da Universidade de São Paulo (USP). O laboratório foi criado em 1992 pela professora Tânia Maria José Aiello-Vaisberg e desde 2002, o Laboratório passou a ser coordenado pela professora Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo, e nesse momento, foi criado o APOIAR, o qual visa a formação do psicólogo no campo da saúde mental em sua acepção mais ampla, ou seja, no que diz respeito ao estudo, compreensão e intervenção a pessoas em situação de sofrimento.<sup>1</sup>

Em 2017, além da administração de Leila Tardivo, o projeto passou a contar também com a coordenação da professora Helena Rinaldi Rosa. O grupo de pesquisa é aberto, sendo composto por alunos de graduação, pós-graduação, nível mestrado, doutorado e pós-doutorado, além de psicólogos voluntários alinhados a suas perspectivas. No cenário da pesquisa em nosso país, destaca-se como Grupo de Pesquisa USP/CNPq intitulado “Manifestações do sofrimento humano: Avaliação, Compreensão e Formas de Intervenção”. Muitas das contribuições em pesquisa do APOIAR correspondem ao atendimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, violência e vitimização. Destacam-se alguns dos resultados apresentados pelo APOIAR.

Parente e Tardivo (2018) realizaram um estudo sobre as vivências emocionais de um adolescente com 16 anos de idade em situação de acolhimento que está próximo do momento de saída da instituição, aos 18 anos conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente. O estudo foi realizado utilizando o procedimento de desenho-estória (PD-

---

<sup>1</sup> Fonte <https://www.ip.usp.br/site/apoiar/>



E). Os dados revelaram sentimentos de medo, incertezas e insegurança, dependência institucional e dificuldade em desenvolver autonomia para o desacolhimento.

Sanchez, Rosa e Tardivo (2018) realizaram um estudo de caso de adolescente institucionalizado desde os quatro anos de idade em vias de desligamento da instituição de acolhimento. Além de sessões de atendimento em psicoterapia, foi utilizada a técnica projetiva HTP: casa-árvore-pessoa para a compreensão do psiquismo do adolescente.

Marigliano, Torrecilha, Rosa e Tardivo (2018) realizaram um estudo que buscou compreender a relação entre crianças e jovens acolhidos e seus educadores, em uma casa Abrigo para crianças e conhecer as vivências emocionais sob o ponto de vista das educadoras. As autoras realizaram uma pesquisa que buscou compreender o psicodinamismo dos comportamentos de crianças abrigadas, através do Procedimento de Desenhos-Estória (DE-T) empregado em oficina terapêutica, a partir da temática “criança abrigada”.

A presente pesquisa também é desenvolvida dentro das mesmas propostas do grupo APOIAR, de forma a trazer contribuições na temática da violência doméstica contra crianças e adolescentes, em especial, a testemunhal.

### **1.5.Avaliação Psicológica – Psicodiagnóstico**

Neste item se discutem a avaliação psicológica, as definições e o emprego na Psicologia Clínica. Ademais, são descritos alguns estudos com o emprego de testes gráficos, por ter sido empregado neste trabalho.

Anastasi e Urbina (2000) apontam que desde sempre ocorreu na história uma relevante necessidade de se compreender os fenômenos psicológicos, como estes ocorrem e apurar os enigmas da personalidade humana. No decurso dos séculos foram criados inúmeros métodos para desvelar o funcionamento da mente e do comportamento humano. Segundo historiadores, há cerca de 3.000 a.c. algumas técnicas para investigar aspectos da personalidade já eram utilizadas na China para fazer a seleção de pessoas para trabalhar em determinadas áreas e, na Grécia, métodos de avaliação psicológica eram realizados nos processos para seleção de alunos.

Segundo Anastasi e Urbina (2000), com o avanço dos estudos na área da Psicologia e a criação de métodos cada vez mais eficazes e voltados para os mais diversos contextos da sociedade foi fundamentada a Avaliação Psicológica. Para que esta avaliação seja feita com a maior fidedignidade foram implementados diversos tipos de

testes psicológicos e técnicas de atendimento que, utilizadas em conjunto, constituem-se em uma avaliação mais completa das características da personalidade dos indivíduos.

Em 2018, o Conselho Federal de Psicologia – CFP dispõe na Resolução CFP N° 009/2018, Art. 1° que:

Avaliação Psicológica é definida como um processo estruturado de investigação de fenômenos psicológicos, composto de métodos, técnicas e instrumentos, com o objetivo de prover informações à tomada de decisão, no âmbito individual, grupal ou institucional, com base em demandas, condições e finalidades específicas (p. 02).

Baptista, Rueda, Castro, Gomes e Silva (2011) afirmam que a avaliação psicológica hoje é utilizada em vários segmentos da sociedade. No âmbito empresarial ela pode ser utilizada na seleção de funcionários, progressão de carreira, orientação profissional e como forma de descobrir o potencial do indivíduo para cada função. Na área da Educação a avaliação psicológica pode ser usada para seleção de estudantes, para compreender o potencial cognitivo do aluno ou se há algum tipo de déficit que esteja atrapalhando os estudos.

A avaliação psicológica também é utilizada no contexto jurídico nas áreas do Direito Civil, Direito Penal, Direito da família, Direito do Trabalho e no Juizado da Infância e da Juventude. Segundo Tavares (2018) esta ligação entre o Direito e a Psicologia se deu pela necessidade da intervenção psicológica em casos relacionados ao Direito Penal, e ao longo dos anos viu-se a necessidade de atuação do psicólogo em outras áreas do Direito.

Brota e Castro (2013) destacam que na área da saúde, para que haja um diagnóstico mais adequado de algumas patologias, em todas as áreas da medicina, mas principalmente na área da psiquiatria e áreas nas quais a compreensão do psiquismo humano tem papel fundamental, é primordial que seja realizada uma avaliação psicológica bem aprofundada. Na área da neurologia e neuropsicologia, avaliação psicológica é importante tanto para o diagnóstico quanto para traçar as estratégias de intervenção e tratamento das doenças.

A avaliação psicológica é garantida por lei, desde a regulamentação da Profissão do psicólogo<sup>2</sup>, e atualizada a partir da aprovação da Resolução 09/2018<sup>3</sup> a qual está em

---

<sup>2</sup> Lei 4119/62 – Regulamenta a profissão de psicólogo

<sup>3</sup> <https://site.cfp.org.br/nova-resolucao-sobre-avaliacao-psicologica/>

consonância com os avanços vivenciados pela área de avaliação psicológica . Pois não consiste apenas na aplicação de testes, mas os conhecimentos teóricos fundamentados na psicologia, outras técnicas como: observação, entrevistas e anamnese. O profissional psicólogo está capacitado para utilizar o instrumento certo para cada situação, pois detém este conhecimento. Sejam testes objetivos ou testes projetivos, ele saberá qual é o mais adequado para cada investigação (Paula, 2018).

Os autores Pinto Junior, Cassepp-Borges e Santos (2015) escrevem que, principalmente utilizadas na Psicologia Clínica e no Psicodiagnóstico, as técnicas projetivas se caracterizam pela apresentação de uma tarefa relativamente não estruturada, esperando que o sujeito intérprete ou estruture o estímulo, revelando, a partir do mecanismo de projeção, os aspectos fundamentais de seu funcionamento psicológico.

Segundo Anzieu (1986), no teste projetivo o sujeito está livre para dizer ou fazer o que quiser, a partir do material apresentado e da tarefa que lhe é proposta. Não há boas e más respostas e sim, as associações livres que ocorrem ao sujeito. Deve-se ressaltar a relevância do papel do psicodiagnóstico para compreensão da vitimização infantil:

A adequada descrição do mundo (externo e interno) da criança vitimizada em um processo de psicodiagnóstico deverá apoiar-se em uma aproximação que busque apreender a vivência dessa criança em sua totalidade, fundamentando-se em critérios de coerência e instrumentos que facilitem o desvelamento da situação abusiva, propiciando, assim, um lugar de singularidade para o sujeito e sua subjetividade (Tardivo, Pinto Junior & Santos, 2005, p. 61).

Tardivo, Pinto Junior e Vagostello (2018) realizaram um estudo de fidedignidade com o Teste do Desenho da Pessoa na Chuva. Para os estudos de fidedignidade e validade, foi necessário propor categorias de análise para o Teste do Desenho da Pessoa na Chuva. Partiu-se do princípio básico para a interpretação dos desenhos, ou seja, que a folha de papel representa o ambiente e o desenho sempre se refere ao indivíduo que desenha. Para propor as categorias de análise foram considerados aspectos a partir dos dados apresentados por autores consagrados da área, particularmente Hammer (1981) e Van Kolck (1984). Ainda, foram elaboradas planilhas, nas quais foram avaliados os critérios de presença (1) e ausência (0) relativos aos aspectos formais e os de conteúdo do desenho. Todos os resultados foram expressos em dados numéricos, inseridos em planilhas que permitiram que fossem realizadas comparações entre os grupos clínicos e de controle e entre características dos diferentes testes empregados. O estudo verificou a concordância entre juízes na avaliação de características do Desenho da Pessoa na Chuva. O estudo observou que as correlações entre os juízes, calculadas dois a dois foram bem elevadas,

apenas três entre todas obtiveram índices entre as 0,6 e 0,7. Todas as demais foram altas havendo muitas acima de 0,9 e muitas chegando a 1,0. Com esses dados, pode-se concluir pela fidedignidade dessa avaliação, oferecendo confiabilidade em seu uso. Se obteve elevada consistência de resultados obtidos pelos mesmos indivíduos avaliados por diferentes juízes.

Brito, Franco, Torres e Tardivo (2018) realizaram importante estudo com o teste do desenho da casa-árvore-pessoa (HTP) em agressores pedófilos no contexto prisional. Os resultados do estudo foram compatíveis com características gerais retratadas na literatura científica a respeito de agressores sexuais pedófilos, sendo que o método do HTP se mostrou válido para gerar dados da personalidade implícitos nos processos psicológicos evidenciando grave comprometimento nas organizações mentais.

As produções gráficas são usadas amplamente na prática terapêutica principalmente para realização de psicodiagnósticos, por sua eficiência na investigação de características da personalidade. Foi realizado por Tardivo et al. (2020a) um estudo com 1.347 participantes, com idades entre 6 e 90 anos, com o objetivo de validar e padronizar, comprovando as qualidades psicométricas do Teste do desenho da Casa-Árvore-Pessoa (HTP). Foram divididos vários grupos com faixas etárias e características semelhantes a serem estudadas, tais como: grupos de presidiários, crianças, idosos, esquizofrênicos, entre outros, formando grupos clínicos e grupos controle. Todos os estudos confirmaram a validade do teste HTP e deste estudo foi produzido um Manual que representa uma versão atualizada da técnica e está em fase de finalização.

Na elaboração do estudo de fidedignidade e validação do teste HTP no contexto brasileiro foi realizado um estudo com crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. A pesquisa contou com 95 participantes no grupo clínico e 95 participantes no grupo controle. Os resultados do grupo Controle tiveram ênfase nos aspectos positivos como abertura para interações sociais, valorização da autoimagem e equilíbrio. Entretanto, no grupo clínico houve maior frequência de aspectos negativos como dificuldades no controle dos impulsos, insegurança com relação a autoimagem e dificuldades na comunicação (Tardivo et al., 2020b).

Outro estudo que visou comprovar a validade do HTP contou com participação de 34 crianças com dificuldade de aprendizagem no grupo clínico e 34 crianças com desempenho escolar equivalente à faixa etária no grupo controle. Os resultados do grupo controle identificaram organização adequada, boa orientação no espaço tempo,

flexibilidade e capacidade de adaptação (Tardivo et al., 2020c.). Já no grupo clínico os resultados indicaram predomínio dos impulsos e desejos, fixação no estágio primitivo, ansiedade, agressividade, dificuldades de orientação no espaço tempo. A importância de um teste projetivo como o HTP se dá, pois diante destes resultados é possível organizar estratégias de intervenção para melhorar a qualidade da aprendizagem destas crianças (Tardivo et al., 2020c).

Os diversos efeitos da violência têm sido, ao longo dos anos, objeto de atenção por parte das entidades governamentais e da comunidade científica no mundo. A gravidade da situação das crianças que estão expostas a violência intrafamiliar não é um problema social novo e é sabido que esta violência está cristalizada no contexto social. Seja em famílias com grande poder econômico, seja nas classes mais pobres, a violência torna-se fato corriqueiro que fica silenciado na intimidade das famílias (Waiselfisz, 2012).

O Mapa da Violência 2012 Crianças e Adolescentes do Brasil traz os dados: em 2011, os atendimentos femininos por violência representaram 60% das notificações, sendo que na faixa dos 10 aos 14 anos foram 68%. Os dados também apontam que as violências físicas representaram 40,5% do total de atendimentos, especialmente concentrados na faixa dos 15 aos 19 anos. Os principais agressores são os pais de vítimas de até 14 anos de idade (Waiselfisz, 2012).

Os autores Foster et al. (2009) e Sturge-Apple e Davies (2010) consideram que além de configurar um crime, a violência intrafamiliar aumenta a vulnerabilidade das crianças aos riscos de desenvolvimento de transtornos mentais, promove dificuldades de ajustamento social e emocional, sentimentos de desamparo, medo, raiva e excitação elevada. A família perde a sua função de propiciar segurança e proteção para as crianças.

Mello (2016) e Sturge-Apple e Davies (2010) colocam que as pesquisas mostram que a violência intrafamiliar está relacionada a problemas de comportamento nas crianças. Comportamentos maternos de hostilidade e afastamento dos filhos estão associados a sintomas de internalização (depressão, retraimento, inibição, ansiedade) e sintomas de externalização (comportamentos agressivos e dificuldades de atenção). Wolfe et al. (2003) elucidam que episódios de violência e abuso entre os membros da família podem levar a criança a se esforçar para acomodar tais eventos e desenvolver um comportamento hipervigilante, insegurança nos relacionamentos, além de manifestar emoções como frustração, decepção, medo, hostilidade.

Os trabalhos de Albornoz (2011), Tardivo et al. (2005) e Fonseca e Capitão (2005) mostram que a utilização de testes projetivos, já referenciados em outras pesquisas com crianças vítimas de violência, são uma técnica eficaz para a compreensão do funcionamento psíquico da criança. Acredita-se que a investigação possibilitará estratégias que visem a consolidação, reformulação ou construção de políticas públicas nacionais buscando o tratamento e a segurança da criança vítima do abuso sexual e sua família.

Tratar da violência como problema de saúde é de extrema importância, uma vez que os problemas de violência foram, tradicionalmente, considerados apenas no campo da segurança pública e da jurisprudência. O Ministério da Saúde investe na elaboração de manuais que visam orientar os profissionais da saúde no sentido de promover e identificar sinais e sintomas de violência (Ministério da Saúde, 2010a).

Dentro desta proposta foram elaborados: o “Caderno de Maus-tratos contra Crianças e Adolescentes para Profissionais de Saúde” (2010a) e “Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violências” (2010b). Por outro lado, instrumentos diagnósticos e instrumentos de investigação clínica padronizados têm sido cada vez mais utilizados como auxiliares na avaliação de diferentes aspectos da saúde mental de crianças e adolescentes (Ministério da Saúde, 2010a).

De acordo com o Ministério da Saúde (2010a), cresce o número de crianças e adolescentes que chegam à rede pública de saúde e aos consultórios particulares como vítimas de violência doméstica. O desenvolvimento e o incentivo às pesquisas sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes podem resultar na otimização e no auxílio na construção de programas e políticas de prevenção e assistência à violência na infância e adolescência, que são essenciais para o enfrentamento da violência em nosso País.

Na literatura, a maioria dos artigos aborda crianças e adolescentes como vítimas diretas, sendo a família a principal agressora. O método qualitativo é o mais utilizado e profissionais da área da saúde ou da jurisprudência são os principais objetos de estudo dos artigos. A literatura dispõe de relevantes trabalhos de pesquisadores que investigam o uso de testes projetivos nas pesquisas de avaliação psicológica. Ressaltam-se alguns estudos: Fonseca e Capitão (2005) realizaram um estudo de validade do Desenho da Figura Humana e do teste de Apercepção Infantil – com Figuras de Animais (CAT-A)

para verificar se eram sensíveis à identificação do abuso sexual entre crianças que sofreram e crianças que não sofreram. Os resultados mostraram que os dois instrumentos foram sensíveis e conseguiram discriminar os grupos e detectar situações de abuso sexual no grupo de pesquisa.

Tardivo (2011) realizou um estudo de validade de critério para o CAT-A, a partir da comparação entre medias do total de pontos na análise de conteúdo das histórias entre crianças que sofreram violência intrafamiliar (grupo clínico) e as que não apresentavam suspeita de serem vítimas (grupo controle). Em outro estudo (Tardivo et al., 2005) expõe que de acordo com os resultados encontrados na literatura, observa-se que “a utilização de instrumentos de psicodiagnóstico no processo de identificação e entendimento do fenômeno da vitimização infantil mostra-se essencial para avaliar o impacto, o grau de risco e o funcionamento psíquico da vítima e da família incestogênica” (p. 59).

## **CAPÍTULO II. JUSTIFICATIVAS E OBJETIVO**

A partir do que foi apresentado no capítulo introdutório, são muito evidentes os diversos e possíveis efeitos que a violência doméstica pode acarretar para as crianças, enfocando a violência testemunhal. Ademais, também há a avaliação da repercussão da situação de institucionalização abordada neste estudo.

Além disso, diante da prevalência da exposição de crianças à violência intrafamiliar no Brasil que muitas vezes são vítimas indiretas e silenciosas de agressões e abusos em suas famílias, é relevante a realização de um estudo que avalie esse impacto, bem como o funcionamento psíquico da criança testemunha da violência intrafamiliar.

Ademais, o resultado deste estudo poderá propiciar maior visibilidade e compreensão e, conseqüentemente, melhor proteção às crianças expostas à violência intrafamiliar. E ainda, o resultado poderá contribuir com os programas e políticas públicas de enfrentamento da violência, a prevenção, a intervenção e assistência à violência na infância e adolescência.

O objetivo desse estudo foi compreender as implicações biopsicossociais da violência testemunhal intrafamiliar. A pesquisa visou investigar o funcionamento psíquico, características e conseqüências psicológicas de crianças que sofreram exposição à violência intrafamiliar.

## CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS

### 3.1 Tipo de Método

Para atingir os objetivos propostos foi empregado o método de estudo de caso múltiplo, qualitativo.

Stake (2006) postula que o estudo de caso múltiplo é um esforço especial de examinar algo tendo diversos casos. Assim, busca-se compreender melhor como o todo atua em situações diferentes. Ademais, o autor define estudo de caso como o entendimento de um caso particular, em sua idiosincrasia, em sua complexidade. O autor também enfatiza que a comparação de estudos de caso múltiplo esclarece alguns fenômenos maiores, assim como de que forma o contexto fundamenta a vida social.

Turato (2008) explica que um dos objetivos da pesquisa qualitativa é conhecer cientificamente o particular, em que o pesquisador é conhecedor de suas angústias e ansiedades pessoais e as considera para compreender o participante alvo de seu estudo. O autor apresenta ampla definição do método clínico-qualitativo:

A partir das atitudes existencialista, clínica e psicanalítica, pilares do método, que propiciam respectivamente a acolhida das angústias e ansiedades do ser humano, a aproximação de quem dá a ajuda e a valorização dos aspectos emocionais psicodinâmicos mobilizados na relação com os sujeitos em estudo, este método científico de investigação, sendo uma particularização e um refinamento dos métodos qualitativos genéricos das ciências humanas, e pondo-se como recurso na área da psicologia da saúde, busca dar interpretações a sentidos e a significações trazidos por tais indivíduos sobre múltiplos fenômenos pertinentes ao campo do binômio saúde-doença, com o pesquisador utilizando um quadro eclético de referenciais teóricos para a discussão no espírito da interdisciplinaridade.(p. 242).

O autor determina as principais características do método clínico-qualitativo, a saber: o interesse pelas significações dos fenômenos em saúde; o ambiente natural do sujeito como campo da pesquisa; a valorização das angústias e ansiedades; o pesquisador como instrumento; a ascendência do processo sobre o produto; os saberes teóricos e práticos como pontos de partida; o raciocínio indutivo e dedutivo; a força no rigor da validade dos dados coletados; a concomitância entre a apresentação dos resultados e a interpretação; pressupostos revistos como conclusão em primazia sobre generalizações (Turato, 2008).



Conforme definição de Yin (2001), o estudo de caso é um tipo de investigação que se caracteriza pela análise detida de uma experiência singular que guarda, de alguma forma, íntimas relações com uma tendência ou realidade mais ampla. O autor escreve que quando um pesquisador opta pelo estudo de caso, este pode ser único ou múltiplo. E acrescenta que para ser possível criar generalizações científicas, o ideal é que seja desenvolvido um estudo de caso múltiplo. O autor observa a relevância de estudos de caso único e casos múltiplos, ressaltando que o estudo de caso múltiplo é aconselhado devido a possibilidades de conclusões mais abrangentes e categóricas.

### **3.2 Participantes**

Os participantes do estudo são duas crianças em situação de risco e vulnerabilidade social, em acolhimento com histórico de testemunho de violência intrafamiliar, ambos os sexos, residentes na cidade de São Paulo. Estão acolhidos pela mesma instituição, mantem contato frequente entre eles, embora residam em unidades diferentes, pois a instituição é composta por quatro residências, nas quais as crianças são abrigadas de acordo com sua faixa etária.

Os dois participantes do estudo são irmãos, sendo que o participante do sexo masculino tem 9 anos de idade (3º ano do Ensino Fundamental) e a participante do sexo feminino tem 10 anos de idade (4º ano do Ensino Fundamental).

Em entrevista com a pesquisadora, a gerente da Instituição selecionada para a realização do estudo relatou que o acolhimento dos participantes ocorreu por negligência e maus tratos. Segundo a gerente, anteriormente os participantes já foram acolhidos em outras instituições, mas não informou sobre o período. Os pais dos participantes eram usuários de drogas, agrediam-se e, com frequência, a vizinhança denunciava a violência entre o casal à polícia. Embora não exista suspeita de abuso sexual, os filhos foram vítimas de violência física e negligência, sendo constantemente alimentados pelos vizinhos.

A mãe trabalhava como profissional do sexo e levava homens para sua casa, a fim de manter relacionamento com eles. Quando as crianças<sup>4</sup> já estavam acolhidas, o pai faleceu em um acidente, ao cair de um andaime em uma obra na qual trabalhava.

---

<sup>4</sup> A fim de proteger a identidade dos participantes, neste estudo serão adotados nomes fictícios de Orvalho para o participante masculino e Luz para a participante feminina.

### 3.3. Instrumentos

Este estudo foi realizado por meio da técnica projetiva do Desenho da Casa Árvore Pessoa (House-Tree-Person- HTP), que foi criado por John N. Buck em 1948. Este teste é utilizado para obter informações sobre como uma pessoa experiencia sua individualidade em relação aos outros e ao ambiente do lar. Estimula a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflito dentro da situação terapêutica. Para Buck (1948/2003) a casa representa duas entidades básicas: um autorretrato, com elementos de fantasia, contato com a realidade; a percepção da situação doméstica relativa ao passado, presente, futuro almejado, ou alguma combinação desses três aspectos.

Conforme Van Kolck (1975/1984) o método projetivo designa procedimentos pouco ou nada estruturados para estudo da personalidade, pois a associação livre é sempre projetiva, apresentando sua forma de ver, sentir e interpretar a situação. Assim, ao ser solicitada uma técnica projetiva, é considerada a qualidade da produção tanto em termos do que se espera para a idade e grupo sociocultural ao qual o indivíduo pertence, como também se há compatibilidade entre o que foi solicitado e o que foi produzido.

Segundo Tardivo (1985) a árvore, um elemento mais básico, natural e vegetativo, é, segundo se observou, um símbolo mais adequado sobre o qual pode-se projetar os sentimentos mais profundos da personalidade e os sentimentos acerca do self. Segundo Hammer (1981), supõe-se que seja mais fácil atribuir à árvore traços e atitudes mais conflitantes ou emocionalmente perturbadores do que à Pessoa, dado que a primeira é menos "próxima" enquanto autorretrato.

Hammer (1981) escreve sobre os pressupostos básicos que fundamentam a visão projetiva da figura humana. O pressuposto básico é que os desenhos da figura humana são determinados; o desenho da figura humana é determinado por fatores psicodinâmicos nucleares. Essa nuclearidade surge como resultado do conceito de Imagem Corporal. O autor expõe que o desenho da figura humana é determinado por uma combinação de 5fatores culturais, de treino pessoal, biomecânicos, transitórios e caracterológicos. Para Buck (1948/2003) e Hammer (1981), o conceito de pessoa é mais carregado de experiências emocionais associadas ao desenvolvimento do indivíduo.

Lourenção Van Kolck (1984) e Hammer (1981) contribuíram para a interpretação das técnicas gráficas estabelecendo que os desenhos podem ser avaliados segundo os

aspectos adaptativos, que se referem à adequação do participante à tarefa, considerando a qualidade da produção tanto em termos do que se espera para a idade e ao grupo sociocultural ao qual o indivíduo pertence. Van Kolck (1984) ressalta também se há compatibilidade entre o que foi solicitado e o que foi produzido.

Também se referem aos aspectos expressivos, trazendo alguns possíveis significados dos aspectos gerais e estruturais dos desenhos, devendo ser observadas as seguintes características: *Posição da folha*: a folha representa o ambiente e sua posição indica como o sujeito se coloca nele; *Localização na página*: revela a orientação geral do sujeito no ambiente e consigo próprio. Observa-se o centro, primeiro, segundo terceiro e quarto quadrantes, metades: direita, esquerda, superior e inferior, além de outras possibilidades mais raras (Van Kolck, 1984; Hammer, 1981).

Outra característica apresentada a ser observada é como o desenho é quanto ao *Tamanho em relação à folha*: relação do sujeito como reage com seu ambiente, às pressões, podendo ir desde sentimentos de inadequação e inferioridade até fantasias compensatórias de supervalorização; *Qualidades do grafismo*: relaciona-se à manifestação de energia, vitalidade, decisão, iniciativa ou emotividade, insegurança e falta de confiança em si, tem a ver com a linha grossa e o tipo de traçado; *Resistências*: representam atitudes negativistas e de oposição em relação ao desenho (Van Kolck, 1984; Hammer, 1981; Buck 1948/2003).

Outros aspectos relevantes na análise dos desenhos são a *Postura da Árvore* ou da Pessoa: diz respeito à estabilidade ou instabilidade; *Transparências*: o julgamento perspectivo da realidade (sejam elas de roupas ou de órgãos internos); *Sombreamento* (relação com ansiedade); *Outros dados como Proporção* (avaliam a harmonia, ou desarmonia na personalidade). E ainda os autores sugerem que os desenhos sejam avaliados segundo a perspectiva projetiva correspondente ao tema, avaliar a atribuição de qualidades às situações e objetos representados e a análise se fundamenta no aspecto simbólico. As propostas foram realizadas a partir de textos clássicos, como Van Kolck (1984); Hammer (1981) e Buck (1948/2003).

### **3.4. Procedimentos**

#### **3.4.1. Contatos com as instituições**

Foram feitos contatos com 17 instituições sociais de acolhimento, um fórum regional, diferentes unidades de serviços de proteção social a criança e adolescentes

vítimas de violência (SPVV), assistentes sociais, psicólogas das áreas clínicas/judiciário/social. Os contatos foram realizados de diferentes modos: presencialmente, por telefone e correspondência eletrônica até a confirmação de uma instituição de acolhimento em aceitar o convite para participar do estudo.

Todas as instituições sociais contatadas que agendaram reunião com a pesquisadora solicitaram que adolescentes abrigados participassem do estudo. Todos os adolescentes indicados contemplavam os critérios de participação com exceção da idade. Apenas uma das instituições agendadas abrigava crianças com os requisitos necessários: crianças encaminhadas à instituição que executa programa de acolhimento institucional com histórico de exposição à violência intrafamiliar (vítima indireta/testemunha); as demais instituições agendaram a reunião para indicar participantes de outra faixa etária, ainda que cientes dos requisitos para participar do estudo.

Após o aceite e concordância da instituição de acolhida em participar da pesquisa, a pesquisadora apresentou o estudo à coordenação da instituição e explicou a atividade que as crianças deveriam desempenhar e o tempo estimado de duração da aplicação. A coleta de dados foi realizada conforme disponibilidade da instituição e dos participantes. O HTP foi aplicado na data previamente agendada.

Inicialmente o Projeto foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), obtendo o parecer de número 2.668.194 e CAEE:83695318.0.0000.5561, de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. A pesquisadora compareceu na instituição em data previamente agendada para a aplicação do teste. Nesta ocasião foi apresentado à Coordenadora da Instituição o Termo de Consentimento (TC) e o Termo de Assentimento (TA) às crianças. Os termos foram assinados em duas vias, uma via ficou com a pesquisadora e a segunda via ficou com a coordenadora, responsável legal pelos participantes.

A coleta do instrumento foi realizada individualmente e teve duração de uma hora. No momento da aplicação do Teste do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (HTP), a pesquisadora explicou para cada criança que caso não quisesse participar do estudo, teria sua vontade atendida e as atividades seriam interrompidas. O primeiro participante a realizar as atividades foi Orvalho e a segunda participante foi Luz.

Com o objetivo de minimizar eventuais sentimentos de ansiedade gerados pela aplicação do instrumento, a pesquisadora preservou o cuidado em relação à realização de um rapport, procurando o estabelecimento de uma relação de confiança com cada criança.

Em seguida foi realizado o Teste do Desenho da Casa-Árvore-Pessoa (HTP), que consiste em solicitar que o participante desenhe uma casa, uma árvore e uma pessoa, utilizando lápis preto e folhas de sulfite, sendo possível a utilização de uma borracha. Este material foi apresentado no momento da atividade.

### **3.4.2 Análise dos dados**

Todo o material da aplicação foi redigido para posterior análise. A técnica projetiva de desenho Casa-Árvore-Pessoa (HTP) foi avaliada conforme a proposta de interpretação de desenhos projetivos do Estudo “O desenho da casa-árvore-pessoa no contexto brasileiro: estudos de fidedignidade e validação” (Tardivo et al., 2020a).

Foram levantados e analisados os Aspectos Adaptativos, Expressivos e Projetivos de cada desenho e de cada participante. Foi realizada uma análise dos aspectos encontrados em cada desenho, uma síntese dos resultados de cada participante e, por fim, uma comparação dos resultados dos dois participantes e a discussão com outros trabalhos sobre o mesmo tema.

## **CAPÍTULO IV – Estudos de Caso - Resultados / Discussão**

### **4.1. Resultados do teste HTP dos participantes e discussão com outras pesquisas**

Os dados encontrados serão dispostos em tópicos para facilitar a compreensão dos resultados e serão dispostos na seguinte ordem: Análise das características desenho a desenho do HTP do participante Orvalho; Síntese / discussão dos desenhos do participante Orvalho; Análise das características desenho a desenho do HTP da participante Luz; Síntese / discussão dos desenhos da participante Luz; Síntese dos desenhos dos participantes Orvalho e Luz. Discussão com outros artigos sobre o tema.

Para fazer esta discussão, os resultados obtidos no teste dos participantes da presente pesquisa, Orvalho e Luz foram associados com dois estudos específicos com grupos de características e contextos semelhantes que se encontram no estudo de validação: Crianças vítimas de violência e Crianças com dificuldade de aprendizagem dos mesmos autores (Tardivo et al., 2020b, Tardivo et al., 2020c). É importante observar que para a realização do estudo: O desenho da Casa-Árvore-Pessoa- HTP no contexto brasileiro: estudos de fidedignidade e validação (Tardivo et al., 2020a) o teste foi aplicado em diferentes grupos buscando compreender as características psicológicas de cada um.

## **4.2 Participante Orvalho**

Orvalho, sexo masculino, 9 anos, está em atendimento neuropsicológico com a queixa de dificuldade e resistência na escola por comprometimento cognitivo (sem data definida, anterior ao acolhimento na instituição).

### **4.2.1. Análise das características desenho a desenho do HTP do participante Orvalho**

Os desenhos de Orvalho são comprometidos, em especial o da Pessoa – São imaturos, revelam dificuldades de organização nos desenhos e na personalidade, ausência de feições no rosto, além dos pés e das mãos, desequilíbrio da figura. Considera-se que devido ao desenho da pessoa mobilizar conflitos mais próximos à consciência, aumenta a ansiedade e as manobras defensivas para contorná-la. Há indícios de fragilidade do ego (linhas leves e tremulas) sem uso de defesas compensatórias. Problemas relacionados à estruturação dos desenhos. A figura desenhada é grotesca (sem roupas) sem pés, ressaltando a falta de equilíbrio.

Contudo, há indício de dependência das relações interpessoais e dependência emocional do ambiente (apoiar o desenho na borda da folha, ausência de pés). Na produção da casa apresenta dificuldade e pouco tato nas relações (janela nua na casa, ausência de galhos na árvore), tensão e agressividade na relação interpessoal, tênue controle intelectual sobre os impulsos (ausência de pescoço), inabilidade de interagir com o mundo externo e em obter satisfação com o ambiente (representação primitiva dos dedos, predomínio de pensamentos confusos na produção da árvore). Orvalho se esforça por representar a figura da casa, ele tenta desenhar, porém sua produção é primitiva, infantil e com elementos bizarros.

Orvalho mostra sentimento de impotência, ansiedade (traçado confuso do telhado) e pensamentos confusos. A produção da árvore revela excesso de imaginação (copa da árvore). Há indícios de extrema confusão (copa com rabiscos), eventos traumáticos (marcas no tronco), problemas sérios na copa e na raiz (aspectos estruturais) e consciência de conflitos sexuais (pessoa nua). Há indicação de conflito, regressão, sentimentos de inadequação e inferioridade com tendência ao retraimento resultando em rigidez na capacidade de ação/movimento e intransigência (excesso de linhas retas no desenho da pessoa, braços retos, pernas de tamanho diferente). Há indicação de insegurança, falta de confiança na própria capacidade, sentimento de inadequação social e intelectual.

#### **4.2.2. Síntese e discussão dos desenhos do participante Orvalho**

Em relação aos aspectos adaptativos dos três desenhos: casa, árvore e pessoa, pode-se observar que sua produção é regredida. No desenho da casa foi realizada uma produção convencional, denotando capacidade para interpretar os dados do ambiente, porém, sua produção está aquém do esperado para a faixa etária e com elementos bizarros. Pode-se inferir certa resistência à tarefa e a possibilidade de dificuldades cognitivas. Esses dados confirmam o relato da instituição quanto a queixa de dificuldade na escola. Também indicam dificuldades nos aspectos emocionais devido ao prejuízo na área escolar.

No estudo realizado por Tardivo et al. (2020b), com crianças vítimas de violência, houve uma grande produção de desenhos aquém do esperado para a faixa etária dos participantes, podendo-se inferir que a violência vivida pode interferir no desempenho da capacidade cognitiva. Em outro estudo de Tardivo et al. (2020c) envolvendo crianças com dificuldades de aprendizagem, características semelhantes foram encontradas e sentimento de insegurança e ansiedade.

Quanto aos desenhos da árvore e da pessoa foi observada uma produção original com características menos voltadas para o concreto. As produções foram realizadas aquém do esperado, o que pode denotar insegurança e cautela diante de tarefas que considera desafiadoras. Em Tardivo et al. (2020b) no grupo de crianças vítimas de violência e em Tardivo et al (2020c) no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem, nas produções foi observado sentimento de perda, fracasso e inibição. Assim, é relevante observar que os dados da produção de Orvalho quanto ao desempenho escolar se assemelham com os dados encontrados no grupo de crianças vítimas diretas da violência, revelando a similaridade entre os danos causados tanto pelo impacto do testemunho quanto pela vitimização direta da violência na família no aproveitamento do aprendizado.

Há aspectos também bizarros no desenho da árvore, embora tenha tentado seguir as instruções. O fato de ter feito um desenho muito grande pode denotar sentimento ambivalente, por um lado, sentimento de expansão e falta de inibição, por outro lado, podendo ser uma forma de tentar esconder autoestima baixa. Na análise dos outros desenhos esta característica da inibição e retraimento social também foi encontrada.

No grupo de crianças vítimas de violência foram encontradas características ambivalentes nas relações interpessoais. Em determinado momento, identificava-se uma

abertura muito grande para novos relacionamentos e em outro momento um retraimento pela dificuldade de se abrir para o contato social. Em Tardivo et al, (2020c) no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem também se observou esta ambivalência com uma grande abertura no contato social, mas também muita ansiedade nas relações interpessoais.

Os desenhos foram localizados, exceto o da casa, na parte inferior esquerda da folha, denotando uma atitude pragmática voltada ao concreto, indivíduo introvertido, predomínio afetivo ligado ao passado. Indica também, sentimento de insegurança, desvalorização e inadequação ao ambiente. Nos grupos que estão sendo utilizados para essa discussão, de Tardivo et al (2020a), houve uma incidência de desenhos localizados na parte inferior da folha e nos quadrantes Q2 e Q3 que identificam características de insegurança, introversão, apego ao concreto, assim como encontrado nos desenhos da participante Sol.

A pressão do lápis na execução dos desenhos foi considerada forte, o que corresponde ao nível de energia que é empregado nas trocas com o ambiente, podendo-se inferir tensão e agressividade no trato com as pessoas. O traçado contínuo é associado ao esforço dirigido a um objetivo, capacidade de decisão e rapidez. No momento da aplicação do teste, Orvalho se mostrou muito tímido e apresentava certa irritação. No decorrer da atividade foi se adaptando e interagindo melhor com o ambiente diferente do desenho. No grupo de crianças vítimas de violência foi observado com maior frequência o traçado interrompido, curto e trêmulo, revelando insegurança e inabilidade para lidar com o meio. Em Tardivo et al. (2020c), as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram na maioria dos desenhos um traçado interrompido indicando insegurança.

Em especial no desenho da árvore, pode-se observar que o traçado contínuo foi reforçado de forma grosseira, quase que dividindo o tronco, podendo indicar insegurança ou ansiedade. Pode-se também inferir que o indivíduo passa por sentimentos de ameaça à integridade do ego. No desenho da árvore, na parte do tronco e das raízes, e no da pessoa também se verificou curvas indicando dificuldade de controle nas interações com o ambiente, como observado na localização dos desenhos na folha.

Devido aos desenhos, de maneira geral, apresentarem o mínimo de detalhes necessários e alguns ausentes, pode-se inferir que o participante Orvalho expressa sentimento de vazio e energia reduzida. Isto pode se dar pela incapacidade de realizar a tarefa e até sentimentos de depressão e pode indicar uma ambivalência nos



relacionamentos interpessoais. No estudo de Tardivo et al (2020c), esta característica foi encontrada no grupo de crianças com dificuldade de aprendizagem devido ao grande número de desenhos incompletos, o que pode indicar negativismo.

As deformações na produção da pessoa podem indicar desatenção e instabilidade, que são oscilações entre sentimentos de alegria, melancolia e tristeza ou até perturbações graves. Apoiar o desenho na margem do papel pode indicar necessidade de apoio do ambiente. Em Tardivo et al. (2020b), no grupo de crianças vítimas de violência, observou-se uma busca de apoio na realidade concreta, sentimento de impotência e agressividade.

Quanto aos aspectos estruturais, há falhas na proporção do desenho da pessoa, faltam partes importantes, há desequilíbrio no desenho e na personalidade.

Quanto aos Aspectos Projetivos que representam o cuidado que o participante teve com o tema e mostram o conteúdo do desenho, estes identificam as qualidades e necessidades do indivíduo. A casa representa um autorretrato do analisando, como se dão suas interações com o meio social, relacionamento familiar, sua percepção dessas relações. Mostra também, qual o contato do indivíduo com os elementos concretos e a fantasia.

O desenho da casa realizado pelo participante Orvalho apresenta um investimento menor na produção e imaturidade, o que pode indicar ambivalência nos relacionamentos interpessoais. As paredes têm sua constituição frágil, denotando indícios de fragilidade do ego. O telhado que representa a imaginação, o pensamento e as ideias, nesta produção é pequeno em relação às paredes, o que pode indicar dificuldade no uso da fantasia, característica também encontrada no estudo de Tardivo et al. (2020b), no grupo de crianças vítima de violência, com a busca na realidade prática concreta.

Na produção da casa, quanto aos elementos do telhado, foram traçados de forma pesada e confusa podendo denotar ansiedade. A representação da porta pode ser indicativa de dificuldade para trocas interpessoais.

A árvore oferece uma projeção de aspectos primitivos da personalidade e do self, devido às poucas defesas do ego investidas na produção do desenho, podendo emergir sentimentos negativos, profundos e perturbadores. O tronco apresenta linhas reforçadas indicando esforço em manter sua integridade do ego contra o risco de desorganização. No estudo de Tardivo et al. (2020b) com crianças vítimas de violência este aspecto foi observado sendo representado por um grande número de produções com o tronco da

árvore reforçado, sugerindo sentimento de ameaça à integridade do ego. Assim, pode-se ressaltar que nas produções de Orvalho e nas produções do grupo de crianças vítimas de violência foram encontradas características semelhantes no desenho do tronco da árvore (marcas, cicatrizes, linha reforçada) indicando que o sentimento de ameaça oriundo do testemunho da violência intrafamiliar é similar ao sentimento de risco encontrado no grupo de vítimas diretas da violência.

Na produção da árvore, a copa está proporcional ao tronco, denotando adequação quanto ao pensamento e a imaginação, porém indicando conteúdo ansiógeno muito confuso, desenhando com rabiscos a copa, com uma manifestação primitiva e inadequação. O participante encontra-se em situação de abrigo, afastado de sua família e tendo pouco contato com sua irmã que está abrigada em outra instituição, assim, pode-se inferir que essa necessidade de apoio seja devido à sensação de desamparo que está vivenciando.

Quanto aos aspectos projetivos da pessoa, o desenho de Orvalho teve uma pobre qualidade gráfica. O desenho apresenta os elementos principais, mas exige muito esforço do participante. Esse desenho exige maior elaboração, provoca ansiedade, pois é um desenho complexo e suscita conflitos mais conscientes. Este sentimento de ansiedade mais intensa pode ter interferido na execução do desenho, podendo indicar uma dificuldade de interação nas relações interpessoais e na organização da personalidade. No estudo com crianças vítimas de violência de Tardivo et al. (2020b), esta característica foi encontrada na produção de desenhos incompletos, denotando insegurança e dificuldade nos relacionamentos. Assim, devido aos resultados encontrados na produção de Orvalho serem semelhantes aos resultados descritos no estudo com crianças vítimas de violência é possível apontar que testemunhar a violência na família causa tanto impacto emocional e sofrimento quanto nas crianças vítimas diretas da violência intrafamiliar. E ainda, no estudo com crianças com dificuldade de aprendizagem de Tardivo et al. (2020c), também foram observados sentimento de insegurança e ansiedade nas interações com o ambiente.

Orvalho foi testemunha da violência que ocorria dentro de sua família, não sendo vítima direta das agressões, porém isto lhe trouxe danos e causou dificuldades emocionais que interferem em todos os contextos de sua vida. Ademais, é possível sugerir que os danos causados pelo testemunho dessa violência suscitaram o embotamento intelectual demonstrado em suas produções.

### **4.3. Participante Luz**

Luz, sexo feminino. 10 anos. Segundo relato de H, gerente da Instituição selecionada para o estudo, Luz faz acompanhamento terapêutico. Luz diz que só vai a terapia para comer bala. Conforme relato da gerência, no período de 2017/18, Luz participou de um processo de adoção e desistiu. Um casal de outro estado brasileiro buscou adotar Luz e sua irmã de 5 anos. Luz viajou para a casa do casal, mas desistiu de ser adotada. Depois, Luz se arrependeu e o casal não quis mais adotá-la. Todavia, a irmã foi adotada pelo casal. A gerente também mencionou uma situação na qual Luz foi contrariada, puxou a faca e empurrou uma cuidadora da casa pela escada. Então, Luz mudou de casa. A unidade atual é para adolescentes, sendo que também reside com sua irmã mais velha.

#### **4.3.1. Análise das características desenho a desenho do HTP da participante Luz**

A produção gráfica da participante Luz está de acordo com o esperado para sua idade indicando bom controle motor, nível intelectual satisfatório, capacidade de adaptação às demandas do ambiente (desenha na folha conforme lhe é apresentada). A adequação ao tema do desenho proposto indica que Luz capta o consenso social, é capaz de ver e entender o mundo com os outros, tem capacidade de adaptação.

Contudo, Luz é resistente a interação social e tem dificuldades de contato com o meio (janelas fechadas; desenhos apenas com as partes essenciais). Ela é capaz de abordar sua experiência com flexibilidade, de forma mais apegada ou menos apegada, conforme o contexto exija (equilíbrio de retas e curvas). Tende a se identificar com objetos parciais e não com modelos reais que habitam sua vida (desenho da casa incompleto). A produção da casa também indica resistência a interação social e contato com o meio.

A produção de Luz indica ajustamento e inteligência concreta (produção com elementos essenciais da árvore). Revela estabilidade corporal e organização (os desenhos são organizados), atenção ao mundo externo e contato com a realidade (pés virados, linha do solo). Há indicação de rigidez e incapacidade de agir e dificuldade no contato interpessoal. Sua abertura e capacidade de formar vínculos pessoais e intimidade é bastante limitada (mãos para trás).

Luz revela sentimento de insegurança, inadequação e inferioridade, tendência ao retraimento (desenho muito pequeno em relação à folha, raízes aéreas), dependência das relações interpessoais para fortalecimento do ego (os dois lados da porta são a linha da

parede, desenho apoiado na margem da folha). Revela dificuldade de expressão e enfrenta obstáculos para a interação, tendendo a adotar atitude defensiva (janela protegida e fechada), aumentando a ansiedade e necessidade de controle nas trocas interpessoais.

A área do ego que assegura a integridade do indivíduo e de suas relações tanto com as pulsões como com as demandas do ambiente apresenta detalhe relevante no tronco da árvore (cicatriz). A cicatriz pode indicar período de insegurança na integridade do ego, eventos traumáticos que marcaram sua história.

O desenho da pessoa apresenta boa quantidade de detalhes apropriados (laço de fita no cabelo, estrelas na saia e coração na blusa no local adequado ao órgão). Assim, essas características da produção indicam atenção clara e precisa, além de interesse pela realidade concreta.

Luz se mostra emotiva, vaidosa, com elementos femininos, porém com muita ênfase na fantasia (cabeça muito grande). E ainda, o desenho da pessoa revela interesse pela sexualidade. O interesse está de acordo com a fase de desenvolvimento do início da adolescência.

#### **4.3.2. Síntese e discussão dos desenhos da participante Luz**

Em relação aos aspectos adaptativos dos três desenhos: casa, árvore e pessoa, pode-se observar que todos os desenhos foram realizados de forma convencional, denotando capacidade para interpretar os dados do ambiente. A produção gráfica indica equilíbrio nos aspectos cognitivos e emocionais, com bom controle motor e nível intelectual satisfatório.

Quanto aos aspectos adaptativos, o desenho da pessoa é completo (mais adequado do que os desenhos de Orvalho), porém infantil para a idade. Com relação ao desenho da árvore, a produção é regredida para a idade de Luz. No desenho da pessoa, a figura está completa sem sinais de bizarrice, há sinais de certa imaturidade.

No estudo realizado por Tardivo et al. (2020b) para comprovação de fidedignidade e validação do teste HTP, com 95 crianças e adolescentes vítimas de violência foi observado, quanto aos aspectos adaptativos, um grande número de desenhos com características bizarras, indicando que os participantes foram afetados pela experiência traumática interferindo, assim, em suas relações interpessoais. Já a participante Luz mostra em seus desenhos que tem recursos internos e capacidade de elaborar a questão da violência vivida.

Em outro estudo realizado por Tardivo et al. (2020c) para fidedignidade e validação do HTP, nos aspectos adaptativos foram encontrados desenhos com maior originalidade, denotando pouca criatividade na qualidade gráfica dos desenhos. Isso pode indicar que falta para estas crianças capacidade para lidar com os dados do ambiente e, assim, observa-se um prejuízo em sua capacidade de aprendizagem. Nos desenhos de Luz, observa-se que mesmo tendo passado por uma experiência traumática, ela se esforça para tentar manter suas relações interpessoais.

Quanto aos aspectos expressivos, a participante mostra boa capacidade para adaptar-se às demandas do ambiente. A localização dos desenhos, em sua maioria à esquerda, pode indicar que há um predomínio da afetividade e do passado, mostrando certa introversão. Nos desenhos da casa e da árvore, em relação ao tamanho, mostram-se dentro do esperado, porém no desenho da pessoa o tamanho do desenho foi muito pequeno, denotando sentimentos de inadequação e inferioridade e tendência ao retraimento. Ademais, quanto aos aspectos estruturais do desenho da pessoa, a figura é pequena, desenhada na metade inferior da folha, apresenta intensa desproporção: cabeça muito grande e corpo muito pequeno, suporte para figura denotando sinais de insegurança.

Resultados semelhantes a estes também foram encontrados no estudo de Tardivo et al. (2020b), com crianças vítimas de violência no qual as crianças apresentaram indícios de insegurança, que pode levar ao retraimento e apego ao concreto. Revelaram ainda propensão à ansiedade, dado que também foi encontrado nas produções de Luz, com excesso de detalhes nas figuras humanas e a pressão forte do lápis. Assim, pode-se inferir que testemunhar a violência pode causar sentimentos de inadequação e inferioridade e retraimento social, além de aumento da ansiedade tanto quanto ser vítima direta da violência intrafamiliar.

As produções de Luz tiveram com maior frequência o traçado contínuo, indicando uma conduta mais controlada, decisão, esforço dirigido à tarefa e rapidez. Ao contrário disso no estudo com crianças com dificuldades de aprendizagem de Tardivo et al. (2020c) foi observada dificuldade de controle no desenho, pois os traços eram curtos e sujos.

Em relação aos aspectos projetivos da casa, o traçado contínuo indica integridade do ego, o telhado médio e organizado denota o bom uso da atividade ideacional e da imersão na fantasia, característica comum de pessoas extrovertidas, contudo, Luz se mostra reservada quanto aos contatos interpessoais. No estudo de Tardivo et al. (2020b),

no grupo de crianças vítimas de violência foram observadas características ambivalentes nas relações interpessoais, em um momento revela-se uma abertura excessiva e em outro um retraimento social. Assim, pode-se observar que o sentimento de ambivalência no contato social foi encontrado na participante do estudo que testemunhou a violência e também foi identificado em vítimas diretas da violência intrafamiliar.

A dificuldade de habilidade nas relações com o outro, dita inépcia social foi observada nos participantes da pesquisa, sendo que na participante Luz esta característica se destaca no tamanho do desenho da pessoa que foi muito pequeno em relação à folha, denotando dificuldade nos relacionamentos e inibição. Tardivo et al (2020c) colocam que no grupo de crianças com dificuldade de aprendizagem foi encontrada uma abertura maior nas interações com o ambiente, mas também se observou ansiedade muito grande em manter o controle nestas interações.

Os aspectos projetivos relacionados ao desenho da árvore projetam sentimentos mais profundos, revelando aspectos da personalidade em nível primitivo. Embora o tronco da árvore desenhada por Luz seja bem estruturado, sugerindo força e integridade da personalidade, tem uma cicatriz muito grande, o que compromete esta estrutura, mostrando que os eventos traumáticos que ela vivenciou deixaram marcas profundas. A copa pequena em relação ao tronco indica contenção da fantasia, pouca perspectiva de gratificação pelo ambiente, o que é confirmado pela ausência de galhos.

No estudo de Tardivo et al. (2020b), foram observadas característica de busca de gratificação do ambiente no grupo de crianças vítimas de violência, porém elas apresentaram evidências de sentimento de perda e ameaça à integridade da personalidade. Estas características são representadas nos desenhos por folhas e frutos caindo. A cicatriz no desenho da árvore da participante Luz pode indicar esta ameaça, pois um evento traumático pode representar uma ameaça à integridade do ego, necessitando por parte da pessoa, bons recursos internos para contornar a situação e manter-se íntegro. Na associação dos dados, tanto no grupo de crianças vítimas de violência quanto nos participantes desse estudo foram encontrados indicativos nos desenhos de que a vitimização direta e o testemunho da violência representam similar ameaça à integridade do ego.

No grupo das crianças com dificuldades de aprendizagem de Tardivo et al. (2020c) também foram observados sentimento de perda e inibição, representados pelo tronco afunilado e folhas caindo. Embora o contexto deste grupo de crianças seja diferente

em relação às crianças vítimas de violência, como também a participante Luz que também sofreu violência doméstica indireta e está abrigada, pode-se inferir que a sensação de fracasso, seja na escola, seja na vida familiar, causa prejuízos sérios na capacidade destas crianças elaborarem seus sofrimentos, exigindo um esforço muito grande para confiar novamente nas interações com outras pessoas.

Quanto aos aspectos projetivos da pessoa, pode-se observar que a produção gráfica de Luz está dentro do esperado para sua faixa etária, os aspectos globais apresentam integridade e harmonia. Há falhas na proporção (com a cabeça muito grande), fantasia e uso da criatividade. A figura feminina, apesar de infantil, tem todas as partes e roupa. No grupo de crianças vítimas de violência de Tardivo et al. (2020b) foram encontradas dificuldades de oralidade na comunicação, insegurança com relação a autoimagem, dificuldades quanto ao controle de impulsos e sentimento de impotência. A participante Luz mostra que tem controle emocional dos impulsos (pescoço integrado), mas passa por sentimentos de ansiedade e impotência que estão representados pelas mãos nos bolsos.

Tais sentimentos também foram observados no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem de Tardivo et al. (2020c), podendo-se inferir que a incapacidade de apresentar resultados satisfatórios nas atividades escolares pode ser tão intensa quanto a violência. Luz foi testemunha da violência que ocorria dentro de sua família, não sendo ela a vítima direta, porém isto lhe trouxe sequelas e causou dificuldades emocionais que interferem em todos os contextos de sua vida.

#### **4.4 Associação dos resultados dos participantes Orvalho e Luz**

A produção do participante Orvalho é coerente com os dados obtidos no estudo de Tardivo et al. (2020b) com crianças vítimas de violência doméstica em que se verificou o impacto da experiência do trauma nas relações interpessoais, além de indicar agravamento no grupo das crianças vítimas de violência doméstica. Os resultados da associação entre os grupos do estudo de Tardivo et al. (2020a) também corroboram que crianças vítimas de violência são mais propensas a deterioração e desestruturação, sentimentos de ameaça à integridade do ego, dificuldade de comunicação, insegurança quanto à autoimagem, impotência, inépcia social, agressividade, dificuldade quanto a integração e controle dos impulsos.

Os dados encontrados na produção de Orvalho também corroboram os resultados encontrados no estudo de Tardivo et al. (2020c) com crianças com dificuldade de

aprendizagem que denotam sentimento de incerteza, temor, inferioridade, comportamento emocionalmente dependente, negativismo, rigidez e ansiedade no contato com o ambiente. Além disso, a literatura internacional também corrobora sobre o impacto do testemunho da violência intrafamiliar no desempenho acadêmico acarretando em baixo rendimento, repetência e evasão escolar (Faerman & Silva, 2014; Lourenço et al, 2011; Durand et al, 2011; Foster & Brooks-Gunn, 2009; Evans et al, 2008; Froner & Ramires, 2008). Assim, é possível depreender que há uma relação estreita entre ser vítima ou testemunha de violência intrafamiliar e apresentar graves dificuldades de aprendizagem.

Deve-se destacar que nas produções de Orvalho e Luz e nas produções do grupo de crianças vítimas de violência foram encontradas características semelhantes no desenho do tronco da árvore (cicatrizes, linha reforçada) revelando que o sentimento de ameaça (perigo) oriundo do testemunho da violência intrafamiliar é similar ao sentimento de risco encontrado no grupo de crianças vítimas diretas da violência intrafamiliar.

Os dados obtidos na associação entre os desenhos de Orvalho e Luz com o grupo de crianças vítimas de violência doméstica de Tardivo et al. (2020b) com o grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem encontrados no estudo de Tardivo et al. (2020c) demonstram sensibilidade do HTP, em seus diversos planos de análise, para vários pontos de convergência entre os grupos avaliados, além de ressaltar a sensibilidade do HTP para identificar os vários aspectos que revelam o impacto da vitimização infantil diante da vivência da violência doméstica.

Os resultados encontrados entre a produção de Orvalho e Luz associados com as conclusões do estudo de Tardivo (2016) com crianças vitimizadas sinalizaram características semelhantes como dificuldade em sentirem-se aceitas e compreendidas, assim como desconfiança e desesperança. Ademais, as crianças vítimas de violência se magoam da experiência e revelam uma autoimagem e relações objetais negativas além de sentir as relações que estabelecem carregadas de negligência, abandono e hostilidade. E ainda, sentimento de insegurança e principalmente de inadequação, além de ansiedades muito intensas e frágil integração do ego. Os participantes deste estudo mostraram dificuldade na interação pessoal, insegurança, ansiedade no contato com o outro, além de imaturidade e sentimento de fragilidade e desproteção. Tanto Orvalho quanto Luz demonstram carência de recursos para seu desenvolvimento pessoal, além de graves conflitos psicológicos, confusão nos valores pessoais, desamparo e solidão. Assim, é



relevante apontar que os resultados dos estudos corroboram sobre a severidade dos efeitos da vitimização direta e indireta no desenvolvimento social e emocional de crianças.

Ademais, quanto a questão fraterna, é relevante considerar que Orvalho e Luz têm mais dois irmãos: uma irmã mais velha reside em outra unidade da instituição (devido a idade) e a irmã menor foi adotada por uma família de outro estado. Todos testemunharam a violência entre os pais. Todos foram abrigados. Embora os irmãos estejam seguros e protegidos na instituição de acolhida (assegurados pelas premissas do ECA) é possível inferir que a ruptura da relação fraterna acarretou dificuldade na relação com as pessoas, além de falta de confiança nas relações, aumento de insegurança e ansiedade.

Segundo avaliações propostas por Hammer (1981) e atualizadas nos estudos de Tardivo et al (2020) o desenho da casa de Orvalho tem elementos bizarros que indicam tensão e agressividade no contato com o outro. Além disso, também revela sentimento de solidão e imaturidade. O desenho da casa de Luz revela frágil capacidade de interação com as pessoas, atitude defensiva na interação social e ansiedade. Cabe ressaltar que o número identificador da casa é o mesmo da unidade em que está acolhida. Assim, é possível depreender que o abrigo social impôs uma condição de distanciamento entre os irmãos promovendo maior tensão nas relações, sensação de vazio e desconfiança na relação com o outro. E ainda, Luz participou de um processo de adoção ao qual desistiu. Posteriormente se arrependeu, mas o casal declinou de sua adoção. Essa situação revela que embora se esforçasse não houve possibilidade de reparar sua decisão inicial acarretando maiores obstáculos para interação, tentativa de controle nas relações interpessoais e sentimento de frustração (foi contrariada e empurrou a funcionária da escada) e ameaça no contato com o outro (atemoriza a funcionária com uma faca).

Os resultados da análise dos participantes da presente pesquisa no teste HTP, Orvalho e Luz, mostraram que a situação de violência que eles presenciaram e o fato de estarem institucionalizados afetou diretamente suas vidas. Associando os achados do presente estudo aos resultados do grupo de crianças vítimas de violência e o grupo de crianças com dificuldade de aprendizagem no HTP, foram encontradas muitas semelhanças, indicando que traumas sofridos na infância podem influenciar negativamente suas interações interpessoais e suas capacidades cognitivas. Além disso, a associação entre os resultados dos participantes da pesquisa com os resultados do grupo de crianças vítimas de violência permite apontar que o impacto da violência testemunhal acarreta danos gravíssimos tanto quanto a vivência direta da violência intrafamiliar.

As características desfavoráveis que foram encontradas nos participantes Orvalho e Luz, como nas crianças vítimas de violência, também foram encontradas nas crianças com dificuldades de aprendizagem. É possível inferir que a experiência de fracasso escolar, que envolve a cobrança dos professores, dos pais ou responsáveis e até dos companheiros de sala, pode causar nestas crianças traumas tão intensos quanto o testemunho de situação de violência.

Os irmãos Orvalho e Luz, embora apresentem consequências que requerem um olhar cuidadoso, demonstram em vários momentos o esforço e a tentativa de estabelecerem vínculos. Ademais, a análise das produções indica capacidade de adaptação. O participante Orvalho, embora tenha se mostrado impaciente e inquieto no início da aplicação do teste HTP, após intervenção da pesquisadora, conseguiu concluir a produção com tranquilidade, lidando com os sentimentos de resistência, agressividade e insegurança que apresentava no momento da tarefa e ficaram evidenciados nos resultados da análise. É relevante inferir que os resultados da análise de sua produção também denotam a possibilidade de Orvalho apresentar comprometimento cognitivo importante, conforme relato da instituição.

A participante Luz ao longo do procedimento do HTP esteve colaborativa, atenta, tranquila e muito caprichosa com sua produção. Apesar de Luz apresentar ansiedade, sentimentos de inadequação, inferioridade e tendência ao retraimento, que dificultam suas relações interpessoais, ela possui recursos criativos para mantê-las. É possível considerar que ela mostra um esforço muito grande para confiar novamente nas interações com outras pessoas.

No que tange ao acolhimento institucional de crianças e adolescentes, ele tem caráter excepcional e provisório. A expectativa é de que o afastamento do convívio familiar de crianças e adolescentes, oriundo da transgressão aos direitos da criança e da violência intrafamiliar, não acarrete o rompimento dos laços familiares, nem na prorrogação da institucionalização das crianças e adolescentes. Desde 1990, o ECA estabelece que crianças e adolescentes são considerados sujeitos de direitos, entre os quais o direito à convivência familiar. Nesse estudo, apesar do acolhimento assegurar o direito a proteção, a institucionalização não auxiliou a promover a continuidade dos vínculos familiares entre os irmãos (residem em unidades diferentes). Além disso, é importante ressaltar que embora Luz desejasse retomar o processo de adoção e permanecer com a irmã mais nova, não teve sua escolha (e direito) atendida. Assim, é possível depreender que ambas as situações de ruptura das relações fraternas constituem experiências terríveis

com graves implicações no desenvolvimento psíquico das crianças desse estudo, além do impacto do testemunho da violência entre os pais.

O presente estudo se configura como ponto de partida para futuros estudos com a atualização da proposta de interpretação de desenhos projetivos do estudo “O desenho da casa-árvore-pessoa no contexto brasileiro: estudos de fidedignidade e validação” (Tardivo et al., 2020a) que deverá dar origem a um manual atualizado para uso no contexto brasileiro

## **CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os objetivos do presente estudo foram atingidos. Observou-se que a violência intrafamiliar tem, de fato, efeitos desastrosos em todos os membros da família, não só o agressor ou o agredido diretamente, pois na grande maioria dos casos a agressão ocorre entre os cônjuges, mas afeta também os filhos e todos que habitam na mesma casa. Com isso observa-se a necessidade de suporte para todos os membros desta família que, a começar do agressor, encontra-se adoecida e carente de uma intervenção direta.

Também verificou-se que o teste HTP mostrou-se sensível para identificar os aspectos psicodinâmicos das crianças que vivenciaram a experiência do testemunho da violência intrafamiliar, apresentando resultados significativos. Esse instrumento mostrou-se atraente e estimulante aos participantes desta pesquisa, facilitando a participação e a colaboração das crianças no estudo. Ademais, os resultados apresentados em cada caso possibilitam a otimização de intervenções em saúde pública que favoreçam o cuidado e o acompanhamento de crianças testemunhas de violência, e, assim, ter um desenvolvimento adequado em todos os aspectos da vida.

Como limitações na realização da pesquisa, aponta-se a impossibilidade em obter mais dados do histórico ou do prontuário dos participantes em razão da inviabilidade por parte da instituição de acolhimento. E ainda se configuram como limitações, também se pode considerar o número pequeno de casos estudados. Sendo assim torna-se necessário que sejam desenvolvidas investigações mais amplas e com um número maior de participantes que possam possibilitar generalizações. Ainda se pode considerar a relevância de serem feitas pesquisas com mais testes projetivos e/ou psicométricos para acrescentar e ampliar a compreensão do fenômeno do testemunho da violência intrafamiliar contra criança e adolescente.

## Referências

- Albornoz, A.C.G. (2011). *Desenho da Figura Humana: indicadores de abandono, abuso sexual e abuso físico em crianças*. Dissertação Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- Almeida, A.P., Miranda, O.B. & Lourenço, L.M. (2013). Violência doméstica/intrafamiliar contra crianças e adolescentes: uma revisão bibliométrica. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*
- Anache, A.A. (2018) Avaliação Psicológica na Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38 (núm. esp.), p 60-73, 2018. Doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000208800>
- Anastasi, A., Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica. 7ª ed.* Porto Alegre: Artes Médicas.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos*. 5ª ed. (M.L.E.Silva, trad.). Rio de Janeiro: Campus. Retirado de <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1337/1127>
- Araújo, M.F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*
- Atlas da Violência 2018: politica publicas e retratos dos municípios brasileiros
- Azevedo, M.A., & Guerra, V.A. (1995). *A violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo. Robe Editorial
- Baptista, M.N., Rueda, F.J.M., Castro, N.R., Gomes, J.O., & Silva, M.A. (2011). Análise de Artigos sobre Avaliação Psicológica no Contexto do Trabalho: Revisão Sistemática. *Revista Psicologia e Pesquisa*, v..5, n..2. Retirado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-12472011000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472011000200008)
- Brasil. Ministério da Saúde. (2001). *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço/ Secretaria de Políticas de Saúde*. – Brasília. 9 p.: il. – (n. 8) – (Série A. Normas e Manuais Técnicos n. 131). Retirado em 14 de julho de 2013, do site: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05\\_19.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf)
- Brasil. Ministério da Saúde. (2010a). *Caderno de Maus-Tratos contra crianças e adolescentes para profissionais de saúde*. Retirado em 22 de setembro de 2015, do site:<http://www4.ensp.fiocruz.br/biblioteca/home/exibedetalhesBiblioteca.cfm?ID=1144>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2010b). *Linha de Cuidado para a Atenção Integral à Saúde de Crianças, Adolescentes e suas Famílias em Situação de Violências*. Orientação para gestores e profissionais de Saúde
- Brotta, M.S., & Castro, P.F. (2013). Produção científica sobre avaliação psicológica em Psicologia Hospitalar. *Revista Educação*, v..8, n.2. Retirado de <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/1337>

- Buck, J.N. (1948). The H.T.P Technique: a Qualitative and Quantitative Scoring Manual. *Journal of Clinical Psychology. Monogr. Supplement*, v. 5, p.1 – 120
- Buck, J.N. (2003). *H-T-P: Casa-Árvore-Pessoa, Técnica Projetiva de desenho: Manual e guia de interpretação*. 1ª ed. (R.C.Tardivo, trad), (I. C. B. Alves, rev.). São Paulo: Vetor
- Conselho Federal de Psicologia- CFP. (2018). *Cartilha Avaliação Psicológica*. Brasília, DF
- Durand, J.G., Schraider, L.B., França-Junior, I., & Barros, C. (2011). Repercussão da exposição à violência por parceiro íntimo no comportamento dos filhos. *Revista de Saúde Pública*. doi.org/10.1590/S0034-89102011005000004
- ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). *Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. (1990). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Retirado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm)
- Ehrensaft, M.K., Knous-Westfall, H.M., & Cohen, P. (2011). Direct and indirect transmission of relationship functioning across generations. *J Farm Psychol*. doi: 10.1037 / a0025606
- Evans, S.E., Davies, C., & DiLillo, D. (2008). Exposure to domestic violence: A meta-analysis of child and adolescent outcomes. *Aggression and Violent Behavior*, 13: 131–140. doi.org/10.1016/j.avb.2008.02.005
- Faermann, L.A., & Silva, F.A. (2014). Impactos sociais na vida de crianças e adolescentes que presenciam violência doméstica contra suas mães. *Revista Ciências Humanas*, vol.7, nº2. Retirado de <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/163>
- Fantuzzo, J.W., & Mohr, W.K. (1999). Prevalence and effects of child exposure to domestic violence, *Future Child*; 9(3):21-32. doi.org/10.2307/1602779
- Fonseca, A.R., & Capitão, C.G. (2005). Abuso sexual na infância: um estudo de validade de instrumentos projetivos. *PSIC-Revista de Psicologia da Vetor Ed*. Retirado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2016000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2016000200009)
- Foster, H., & Brooks-Gunn, J. (2009). Toward a tress process Model of Children's Exposure to physical Family and Community Violence. *Clinical Child Family Psychology Rev.*, 12(2): 71–94. doi: 10.1007 / s10567-009-0049-0
- Froner, J.P., & Ramires, V.R.R. (2008). Abuso sexual e Judiciário. *Paidéia*. Retirado de <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/05.pdf>
- Hammer, E.F. (1981). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Rio de Janeiro, Ed. Interamericana
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2018). *Atlas da Violência 2018*. Rio de Janeiro. Retirado em 26/03/2021 do site: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8398>
- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2020). Rio de Janeiro. Retirado em 26/03/2021 do site: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10214>

- Kitzmann, K.M., Gaylord, N.K., Holt, A.R., & Kenny, E.D. (2003). Child Witnesses to Domestic Violence: A Meta-Analytic Review. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Vol. 71, No. 2, 339–352. doi: 10.1037 / 0022-006x.71.2.339
- Levendosky, A.A., & Graham-Bermann, S.A. (2001). Parenting in Battered Women: The Effects of Domestic Violence on Women and Their Children. *Journal of Family Violence*, Vol. 16, No. 2. Retirado de <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1011111003373>
- Lourenço, L.M., Salgado, F.S., Amaral, A.C., Gomes, S.F.L., & Senra, L.X. (2011). O impacto do testemunho da violência interpessoal em crianças: uma breve pesquisa bibliométrica e bibliográfica. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*. Retirado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202011000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202011000100011)
- Marigliano, R. X., Torrecilha, E. P., Rosa, H.R., & Tardivo, L. S. L. P. C. (2018). *Casa abrigo para crianças e adolescentes: vivências emocionais de educadoras*. In: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. (Org.). 16ª Jornada Apoiar: Adolescência e sofrimento emocional na atualidade. 1ed. (p221-229). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Retirado em 16 de novembro de 2020, do site [http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK\\_16A\\_JORNADA\\_APOIAR\\_COMPLETO\\_COM\\_ISBN\\_978-85-86736-93-3.pdf](http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK_16A_JORNADA_APOIAR_COMPLETO_COM_ISBN_978-85-86736-93-3.pdf)
- Marigliano, R. X., Torrecilha, E. P., Rosa, H.R., & Tardivo, L. S. L. P. C. (2018). *Crianças e adolescentes em abrigo: oficina terapêutica com procedimento de desenhos-estórias com tema (DE-T)*. In: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. (Org.). 16ª Jornada Apoiar: Adolescência e sofrimento emocional na atualidade. 1ed. (p.230-237). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Retirado em 16 de novembro de 2020, do site [http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK\\_16A\\_JORNADA\\_APOIAR\\_COMPLETO\\_COM\\_ISBN\\_978-85-86736-93-3.pdf](http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK_16A_JORNADA_APOIAR_COMPLETO_COM_ISBN_978-85-86736-93-3.pdf)
- Parente, K.S., & Tardivo, L. S. L. P. C. (2018). *Adolescência e Autonomia – saída da instituição de acolhimento*. In: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. (Org.). 16ª Jornada Apoiar: Adolescência e Sofrimento emocional na Atualidade. 1ed. vol. 1. (p. 84-93). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Retirado em 16 de novembro de 2020, do site [http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK\\_16A\\_JORNADA\\_APOIAR\\_COMPLETO\\_COM\\_ISBN\\_978-85-86736-93-3.pdf](http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK_16A_JORNADA_APOIAR_COMPLETO_COM_ISBN_978-85-86736-93-3.pdf)
- Paula, L. (2018, 18 de outubro). Como escolher o teste ideal para uma avaliação psicológica? *Blog IPOG*. Matéria de 18 de outubro de 2018. Retirado dia 18 de outubro de 2018, do site <https://blog.ipog.edu.br/saude/como-escolher-o-teste-ideal-para-uma-avaliacao-psicologica/>
- Pinheiro, P.S. (2006). Violência contra crianças: informe mundial. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol 11. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500023>
- Pinto Junior, A. A., Cassepp-Borges, V., & Santos, J. G. (2015). Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos Saúde Coletiva*, 23(2), 124-131. Retirado de <https://doi.org/10.1590/1414-462X201500020062>



- Pinto Junior, A.A., & Tardivo, L.S.P.C. (2018). *EEVD – Escala de Exposição à Violência Doméstica*. São Paulo. Vetor Editora.
- Sanchez, C. R., Rosa, H.R., & Tardivo, L.S.L.P.C. (2018). *O teste do desenho da casa-árvore-pessoa (HTP) em adolescente institucionalizado – relato de caso clínico*. In: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. (Org.). 16ª Jornada Apoiar: adolescência e sofrimento emocional na atualidade. 1ed. (p.192-203). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Retirado de [http://www.ip.usp.br/site/wpcontent/uploads/2019/11/EBOOK\\_16A\\_JORNADA\\_AP\\_OIAR\\_COMPLETO\\_COM\\_ISBN\\_978-85-86736-93-3.pdf](http://www.ip.usp.br/site/wpcontent/uploads/2019/11/EBOOK_16A_JORNADA_AP_OIAR_COMPLETO_COM_ISBN_978-85-86736-93-3.pdf)
- Stake, R. (2006). *Multiple Case Study Analysis*. New York. The Guilford Press.
- Sternberg, K.J., Baradaran, L.P., Abbott, C.B., Lamb, M.E. & Guterman, E. (2006). Type of violence, age, and gender differences in the effects of family violence on children's behavior problems: A mega-analysis. *Developmental Review* 26, 89 – 112. doi.org/10.1016/j.dr.2005.12.001
- Sturge-Apple, M., & Davies, P. (2010). Mother's parenting practices as explanatory mechanisms in associative between interparental violence and child adjustment. *Partner Abuse*. jan 1; (1):45-60. doi: 10.1891 / 1946-6560.1.1.45
- Tardivo, L.S.C. (1985). *Normas para avaliação do Procedimento de Desenhos-Estórias numa amostra de crianças paulistanas de 5 a 8 anos de idade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Tardivo, L.S.P.C. (2016). A violência doméstica em crianças e adolescentes: expressão e compreensão das consequências com o uso de métodos projetivos. Em E.T.K. Okino, P.F. Castro, F.L. Osório, S.R. Pasian, S.A. Scortegagna, L.M. Cardoso, F.R. Freitas, & A.E. Villemor-Amaral (Orgs.). *Métodos projetivos e suas demandas na Psicologia contemporânea*. ASBRo. Recuperado de: [http://asbro.org.br/arquivos/Metodos\\_projetivos\\_e\\_suas\\_demandas\\_na\\_Psicologia\\_Contemporanea\\_Livro\\_CD\\_VIII\\_Cong\\_ASBRo\\_2016.pdf](http://asbro.org.br/arquivos/Metodos_projetivos_e_suas_demandas_na_Psicologia_Contemporanea_Livro_CD_VIII_Cong_ASBRo_2016.pdf)
- Tardivo, L.S.P.C., Junior, A.A.P., & Santos, R.S. (2005) Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio do teste das fábulas de Duss. *PSIC-Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v6, n1. Retirado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v6n1/v6n1a08.pdf>
- Tardivo, L.S.P.C., Miguel, A., Tosi, S.M.V.D., Silva, M.C.V.M., Junior, A.A.P., Esteves, C., Cardoso, T., & Neto, L.F. (2011). *Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) – Forma Animal: Estudo de validade com crianças vítimas de violência doméstica*. Retirado de [http://www.ibapnet.org.br/congresso2011/trabalhos/RESUMO%20Validade\\_CAT\\_e\\_Violencia\\_domestica.pdf](http://www.ibapnet.org.br/congresso2011/trabalhos/RESUMO%20Validade_CAT_e_Violencia_domestica.pdf)
- Tardivo, L. S. P. C. (2016). A violência doméstica em crianças e adolescentes: expressão. *Métodos projetivos e suas demandas na Psicologia contemporânea, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil*. Ribeirão preto: ASBRo. Retirado de [http://asbro.org.br/arquivos/Metodos\\_projetivos\\_e\\_suas\\_demandas\\_na\\_Psicologia\\_Contemporanea\\_Livro\\_CD\\_VIII\\_Cong\\_ASBRo\\_2016.pdf](http://asbro.org.br/arquivos/Metodos_projetivos_e_suas_demandas_na_Psicologia_Contemporanea_Livro_CD_VIII_Cong_ASBRo_2016.pdf)
- Tardivo, L.S.L.P.C., Pinto Junior, A.A., & Vagostello, L. (2018). *O teste do Desenho da Pessoa na Chuva: estudos de fidedignidade*. In: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. (Org.). 16ª Jornada Apoiar: Adolescência e Sofrimento Emocional na

- Atualidade. 1ed. (pp. 123-134). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Retirado em 16 de novembro de 2020, do site [http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK\\_16A\\_JORNADA\\_APOIAR\\_COMPLETO\\_COM\\_ISBN\\_978-85-86736-93-3.pdf](http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK_16A_JORNADA_APOIAR_COMPLETO_COM_ISBN_978-85-86736-93-3.pdf)
- Tardivo, L.S.P.C., Franco, A., Brito, B.A.O., Torres, C.V., Thomaz, G.C., Lobo, L.C., Dutheil, C., & Moutinho, C. (2018). *Expressão de raiva como estado e traço em internos em sistema presidiário. Considerações Preliminares*. In: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. (Org.). 16ª Jornada Apoiar: Adolescência e Sofrimento Emocional na Atualidade. 1ed. (pp. 135-143). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Retirado em 16 de novembro de 2020, do site [http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK\\_16A\\_JORNADA\\_APOIAR\\_COMPLETO\\_COM\\_ISBN\\_978-85-86736-93-3.pdf](http://www.ip.usp.br/site/wp-content/uploads/2019/11/EBOOK_16A_JORNADA_APOIAR_COMPLETO_COM_ISBN_978-85-86736-93-3.pdf)
- Tardivo, L.S.L.C., et al. (2020a). *O desenho da Casa-Árvore-Pessoa no contexto brasileiro: Estudos de fidedignidade e validação*. São Paulo: Vetor. No prelo.
- Tardivo, L. S. L. C., et al. (2020b). *Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Doméstica*. In. O desenho da Casa-Árvore-Pessoa no contexto brasileiro: Estudos de fidedignidade e validação. São Paulo: Vetor. No prelo.
- Tardivo, L. S. L. C., et al. (2020c). *Crianças com Dificuldade de Aprendizagem*. In. O desenho da Casa-Árvore-Pessoa no contexto brasileiro: Estudos de fidedignidade e validação. São Paulo: Vetor. No prelo.
- Tavares, K.M.C. (2018, 15 de julho). Avaliação psicológica no contexto jurídico: demandas e práticas no direito de família. *Revista Especialize On-line IPOG*. Ano 9, v.1, n. 15. Retirado dia 15 de outubro de 2020, do site <https://assets.ipog.edu.br/wp-content/uploads/2019/12/07013918/kaylla-maria-castro-tavares-psvit002-218213.pdf>
- Turato, E.R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, v.9, n.3. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39m3/24808.pff>
- Turato, E.R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Van Kolck, O.L. (1974). *Técnicas de exame psicológico e suas aplicações no Brasil*. Petrópolis, Vozes
- Van Kolck, O.L. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU.
- Waiselfisz, J.J. (2012). *Mapa da Violência 2012: Crianças e Adolescentes do Brasil*. 1ª. Edição – Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos. FlacsoBrasil. Rio de Janeiro. Retirado de [http://mapadaviolencia.org.br/MapaViolencia2012\\_Criancas\\_e\\_Adolescentes.pdf](http://mapadaviolencia.org.br/MapaViolencia2012_Criancas_e_Adolescentes.pdf)
- Wolfe, D.A., Crooks, C.V., Lee, V., McIntyre-Smith, A., & Jaffe, P.G. (2003). The Effects of Children's Exposure to Domestic Violence: A Meta-Analysis and Critique. *Clinical Child and Family Psychology Review*, Vol. 6, No. 3. Retirado de <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1024910416164>



Yin, R.K. (2001). *Estudo de Caso. Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.